

**“QUANDO EU NÃO SOU EU”: MESCLAGEM
CONCEPTUAL EM DÊITICOS DE PRIMEIRA PESSOA**

JÉSSICA DA SILVA ANUNCIAÇÃO

**Dissertação de Mestrado apresentada à banca
examinadora e ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro
como parte dos requisitos necessários à obtenção do
título de Mestre em Linguística.**

Orientação: Profa. Dra. Lilian Vieira Ferrari

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2009

Jéssica da Silva Anunciação

**“QUANDO EU NÃO SOU EU”: MESCLAGEM
CONCEPTUAL EM DÊITICOS DE PRIMEIRA PESSOA**

I Volume.

Dissertação de Mestrado em Linguística
apresentada à Coordenação dos Cursos de
Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal do Rio de Janeiro.

Orientação: Profa. Dra. Lilian Vieira Ferrari

Rio de Janeiro
2009

Anunciação, Jéssica da Silva.

“Quando eu não sou eu”: Mesclagem Conceptual em Dêiticos de Primeira Pessoa / Jéssica da Silva Anunciação. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2009.

XIII, 70f.: il.; 1cm

Orientadora: Lílian Vieira Ferrari

Dissertação – UFRJ / FL / Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2009.

Referências bibliográficas: f. 85-87.

1. Blending. 2. Espaços Mentais 3. Dêiticos. I. Ferrari, Lílian Vieira
II. Universidade Federal do Rio de Janeiro III. Título.

“Quando eu não sou eu”: Mesclagem conceptual em Dêiticos de Primeira Pessoa

Jéssica da Silva Anunciação

Orientadora: Lílian Vieira Ferrari

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovada por:

Profª. Dra. Lilian Vieira Ferrari . UFRJ . Orientadora

Profª. Dra. Maria Lúcia Leitão de Almeida . UFRJ

Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha . UFJF

Ana Flávia L. M. Gerhardt. UFRJ

Prof. Dr. Mário Eduardo Toscano Martelotta . UFRJ . Suplente

Rio de Janeiro

02 de fevereiro de 2009.

Dedico esta Dissertação à minha orientadora.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me concedido esta oportunidade, por ter me dado saúde e inspiração para escrever esta dissertação.

À minha orientadora e amiga, a Profa. Dra. Lilian Vieira Ferrari, que, acreditou em mim e me acolheu no início do mestrado, fazendo com que eu me apaixonasse pela Linguística Cognitiva. Ela me ensinou, com muita paciência, o que é ser uma pesquisadora e esteve presente em todos os momentos em que precisei. É a ela que dedico este trabalho, pois sem minha orientadora nada disso seria possível.

Ao Coordenador, Prof. Dr. Celso Novaes, por todo carinho, preocupação e atenção. Por todas as vezes que me perguntou como andava a dissertação, pois isso me impulsionou a dar o meu melhor, para não decepcionar uma pessoa tão importante.

À minha família. Agradeço à minha mãe por ser a mãe mais dedicada e carinhosa do mundo, por ser a pessoa maravilhosa que é, sempre me dando força, me cobrando e também me mostrando que eu era capaz. Ao meu pai por todo apoio e carinho. À minha irmã pela compreensão. Ao meu cunhado pela força. A todos meus familiares, tios, tias, primos, avós por estarem sempre por perto.

Aos meus amigos que são muitos e especiais. Ao meu amigo Pedro, pelo incentivo e ajuda sempre constante em todas as horas que precisei. À minha amiga Karla, por ser um exemplo de vida e a pessoa iluminada que é, e que por mesmo de longe só me fazer bem. À Thaísa, pelo enorme carinho e preocupação, por ser minha amiga dos bons e maus momentos e por me lembrar que mesmo uma mestranda precisa se divertir. À Renata, pela amizade e incentivos constantes. À Luana, Érika, Júlia, Kaliani e Gustavo, meus

companheiros de mestrado que me ajudaram tanto. Ao meu sempre amigo Laelson, pelos almoços, conversas e conselhos. Ao Nicolas, que entrou na minha vida na reta final do meu mestrado, mas mesmo de longe me ajudou de uma maneira especial. A muitos outros que não foram citados, mas que têm um lugar especial no meu coração.

Ao pastor Neil Barreto por existir e ser essa pessoa iluminada e abençoada por Deus. Pela sabedoria em ministrar sermões tão maravilhosos.

À CAPES, pela bolsa de mestrado que tornou possível a realização deste trabalho.

SINOPSE

O fenômeno da dêixis.

Dêiticos não-prototípicos de primeira pessoa do singular.

A Teoria dos Espaços Mentais.

A dêixis à luz da abordagem cognitivista.

Mesclagem conceptual em dêiticos não-prototípicos.

RESUMO

“Quando eu não sou eu”: Mesclagem conceptual em dêiticos de primeira pessoa

Jéssica da Silva Anunciação

Orientadora: Lílian Vieira Ferrari

Resumo da dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Este trabalho insere-se nas propostas de estudos e pesquisas no âmbito da Lingüística Cognitiva, que têm como objeto privilegiado de investigação as operações cognitivas envolvidas na mente humana no processo de construção do significado a partir de pistas lingüísticas específicas. À luz da Teoria dos Espaços Mentais, aborda-se o fenômeno da dêixis e, em especial, analisam-se os dêiticos não-prototípicos de primeira pessoa do singular proferidos por um pastor protestante. Argumenta-se que os dêiticos não-prototípicos evidenciam mesclagem conceptual entre falante e ouvinte (s), sinalizando, no corpus analisado, aproximação virtual entre pastor e fiéis, de modo compatível com o objetivo persuasivo dos sermões.

Palavras-chave: . 1. Espaços mentais 2. Dêixis pessoal 3. Mesclagem conceptual

4. Dêiticos não-prototípicos

Rio de Janeiro

Fevereiro 2009

ABSTRACT

“When I am not myself”: Conceptual Blending in First Person Deictics.

Jéssica da Silva Anunciação

Orientadora: Lílian Vieira Ferrari

Abstract da dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

This work fits into the research program of Cognitive Linguistics, in order to investigate cognitive operations in the process of meaning construction. The use of first person singular non-prototypical deictics by a protestant preacher is analysed under the light of mental space theory. It is argued that non-prototypical deictics are a result of conceptual blending between speaker and listener, or in the case of this work, between the preacher and the believer. It is shown that sermons persuasive goals are compatible with the virtual approach between speaker and listener prompted by the use of non-prototypical first person singular deictics.

Kew-words: . 1.Mental Spaces 2. Person Deixis 3. Blending 4. Non-Prototypical Deictics

Rio de Janeiro

Fevereiro 2009

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....

CAPÍTULO 1: Pressupostos teóricos da Lingüística Cognitiva

1.1 Teoria dos Espaços Mentais.....	
1.1.1 Funções pragmáticas.....	
1.1.2 Espaços mentais.....	
1.1.3 Modelos cognitivos idealizados.....	
1.1.4 Mesclagem conceptual.....	

CAPITULO 2: O fenômeno da dêixis

2.1 A visão tradicional.....	
2.2 A visão da Lingüística cognitiva.....	
2.2.2.1 Marmaridou.....	
2.2.2.2 Interpretação Sociocognitiva dos Dêiticos no Discurso.....	
2.2.2.3 Referência e Mesclagem em Jogos de Computador.....	

CAPÍTULO 3: Metodologia.....

CAPÍTULO 4: Análise de dados.....

CONCLUSÃO.....

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....

ANEXOS.....

“O conhecimento é uma ilha cercada por um oceano de mistérios.

Prefiro o oceano à ilha.”

Ludwig Wittgenstein

INTRODUÇÃO

Este trabalho alinha-se às propostas de estudos e pesquisas no âmbito da Linguística Cognitiva, que têm como objeto privilegiado de investigação as operações cognitivas envolvidas na mente humana no processo de construção do significado. Mais especificamente, a pesquisa adota os pressupostos da Teoria dos Espaços Mentais, partindo do princípio de que quando os participantes se envolvem em um evento de fala, espaços mentais são construídos, estruturados e ligados, motivados por diversos fatores, como a gramática, o contexto e a cultura. (Fauconnier, 1994, 1997).

Essa abordagem teórica tem se mostrado inovadora no tratamento de questões semânticas tradicionais, como estratégias referenciais e pressuposição, além de lançar luz sobre fenômenos pragmáticos relacionados a atos de fala e dêixis (Fauconnier e Sweetser, 1996). Dentro dessa perspectiva, este trabalho pretende investigar referências dêiticas de primeira pessoa do singular, em sermões proferidos por um pastor protestante. O objeto da pesquisa é o uso não-prototípico dessas referências, com base na observação de que embora os dêiticos de primeira pessoa identifiquem prototipicamente o falante em um determinado evento de fala, há outros usos desses elementos que podem apontar para outros participantes do discurso. Sendo assim, observa-se que os dêiticos em questão podem apresentar estrutura polissêmica, cujas características merecem ser investigadas.

No que diz respeito à dêixis, portanto, a Linguística Cognitiva abre novas perspectivas de análise, conseguindo resolver problemas resistentes às abordagens tradicionais. Em especial, a inovadora conceptualização da dêixis em termos de modelo cognitivo idealizado e categorias radiais, proposta por Marmaridou (2000), fundamenta a abordagem do fenômeno na presente pesquisa..

O objetivo deste trabalho é enfocar os processos e/ou operações subjacentes à produção de significado nas construções em que os dêíticos de primeira pessoa se apresentam de forma não-prototípica. Essas operações são analisadas à luz da teoria dos espaços mentais, argumentando-se que o significado dos dêíticos não-prototípicos resulta de processos de mesclagem conceptual (Fauconnier, 1997), que prevêm dois espaços (input 1 e 2) a partir dos quais alguns elementos são projetados na mescla, fazendo surgir um novo sentido.

A dissertação está organizada em quatro capítulos. No capítulo primeiro, são expostas as principais noções da Linguística Cognitiva, e mais especificamente da Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997), que são, direta ou indiretamente, usadas em nossa interpretação e análise dos dêíticos não-prototípicos. O capítulo 2 apresenta a visão tradicional do fenômeno da dêixis, com base em Levinson (1983); em seguida são abordados os trabalhos cognitivistas de Marmaridou (2000), Tea & Lee (2000) e Ferrari & Scamparini (2006) que, por apresentarem uma nova maneira de tratar o fenômeno, estabelecem o ponto de partida para a análise proposta. O capítulo 3 detalha a metodologia adotada e, finalmente, o quarto capítulo apresenta a análise, em que se explicitam as operações cognitivas associadas ao uso de dêíticos não-prototípicos de primeira pessoa com base na noção de mesclagem conceptual. Em especial, verifica-se que os espaços-

mescla que abrigam dêiticos não-prototípicos promovem estruturas emergentes em que o pastor simula diálogos com os fiéis, projetando-se para o ponto de vista desses últimos. Como ficará claro no decorrer do trabalho, a produtividade do fenômeno no corpus analisado parece estar associada a estratégias de persuasão características dos sermões.

CAPÍTULO 1

Pressupostos teóricos da Lingüística Cognitiva

Neste capítulo, será realizada uma revisão das noções de Lingüística Cognitiva que constituem o cerne deste trabalho. As noções aqui apresentadas serão fundamentais na análise dos dados, apresentada no capítulo quatro.

1.1. Panorama teórico

Até a década de 80, a imagem que se tinha da Linguagem era a seguinte: uma mercadoria “exportável” (as idéias, o sentido e o conteúdo) é transmitida através das palavras, das frases e do discurso. Sendo assim, as palavras tais como “vagões”, e as frases tais como “trens”, pegariam os caminhos tortuosos do discurso para atingir suas metas. O conteúdo, então, pode ser examinado, avaliado, aceito ou rejeitado. Pesam-se as palavras antes de enviá-las e quanto mais a mensagem é “amarrada”, melhor ela “passa”.

A essa visão “ferroviária”, Fauconnier (1984) opôs uma outra ao longo de seus estudos: a de uma construção mental pertinente, relativamente abstrata, de espaços, elementos, papéis e relações contidas no interior dos espaços, de correspondência entre esses domínios, de estratégias para construí-los a partir de índices tanto gramaticais quanto pragmáticos. Falar, não importa de que maneira, seja em voz alta ou baixa (em nosso pensamento), oralmente, por gestos ou por escrito significa entrar neste tipo de construção.

O ato de se comunicar significa conseguir, a partir de índices lingüísticos e pragmáticos semelhantes, operar as mesmas construções de espaço. A fala não implica a comunicação. A comunicação, quando atingida, implica em uma grande analogia de esquemas conceptuais, modelos cognitivos idealizados, funções pragmáticas e mesclagem conceptual. Todos esses elementos de que lançamos mão ao nos comunicarmos serão vistos neste capítulo.

1.2.A Teoria dos Espaços Mentais

A Teoria dos Espaços Mentais, inicialmente proposta por Fauconnier (1984,1997), e, posteriormente desenvolvida por Fauconnier e Turner (2002), está inserida no campo da Lingüística Cognitiva. Dessa forma, assume alguns desafios desta última, tal como descrever mecanismos e operações cognitivas com base na experiência de linguagem em uso e mostrar que dados lingüísticos podem revelar aspectos de representação mental de alto nível. Pode-se dizer que a grande parte dos trabalhos sobre espaços mentais trata do que ocorre nos bastidores da cognição, pois enfoca o que acontece na mente do indivíduo. São processos complexos que não podem ser vistos nem ouvidos. Os espaços mentais fazem referência ao que se desenvolve por detrás das cenas quando a fala ou o pensamento é executado. Esses espaços são relacionados entre si e também a conhecimentos mais estáveis; muitos indícios para essas atividades mentais “escondidas” são dados pelos conhecimentos lingüísticos e gramaticais.

1.2.1 Funções Pragmáticas

Com o intuito de dar conta da organização da linguagem, deu-se uma atenção maior às complexidades estruturais em diferentes níveis das formas lingüísticas. Vários estudos, nas últimas décadas, no lugar de se concentrarem apenas nas formas da língua, voltaram sua atenção para outras estruturas. Pode-se citar a noção de enquadre (Fillmore 1982); metáforas que estruturam redes conceptuais através das correspondências parciais subjacentes à organização semântico-pragmática; análise das pressuposições; tratamento de fenômenos como a opacidade e a transparência pelas correspondências referenciais entre imagens concretas ou mentais (Jackendoff 1975).

Em seu estudo sobre a referência, Numberg (1978) estuda uma noção muito importante ligada a tais correspondências: a noção de função pragmática. O autor mostra que é possível estabelecer ligações entre objetos de naturezas diferentes por razões psicológicas, culturais ou pragmáticas e que as ligações estabelecidas dessa forma permitem a referência a um objeto pelo aspecto de um outro, que por sua vez é ligado ao primeiro objeto de modo apropriado. O princípio geral é o seguinte:

Princípio de Identificação: Se dois objetos a e b estão ligados por uma função pragmática F ($b = F(a)$), uma descrição de a pode servir para identificar seu correspondente b (figura 1).

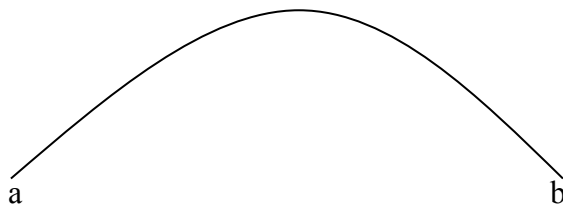


Fig. 1

Por exemplo, uma função $F1$ liga os escritores aos livros:

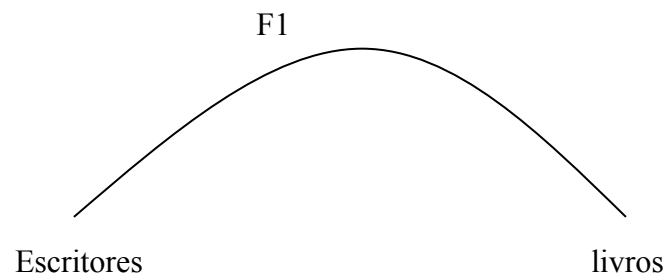


Fig. 2

Se estipularmos que $a = \text{Platão}$, $b = F1(a) = \text{os livros escritos por Platão}$, o Princípio da Identificação permite que (1) tenha o mesmo significado de (2):

- (1) Platão está na estante à esquerda.
- (2) Os livros escritos por Platão estão na estante à esquerda.

Em (1), a descrição de uma pessoa, neste exemplo o nome Platão, identifica um objeto b, ou seja, a coleção dos livros.

É possível interpretar (1) de outra forma, se colocarmos em ação outras funções pragmáticas, como por exemplo:

Pessoas ► representações

Pessoas ► corpos

Pessoas ► nomes de pessoas (ou seja, palavras)

O enunciado (1) poderia significar uma imagem de Platão ou até mesmo que Platão estava na estante, ou que o corpo de Platão estava na estante, que uma placa com o nome “Platão” estava na estante, etc.

1.2.2 Espaços Mentais:

A teoria dos espaços mentais sugere que os conectores pragmáticos operam sobre objetos mentais e que esses objetos podem pertencer a domínios distintos. Será proposto, nesta seção, um esboço dos primeiros aspectos de um modelo de construções mentais e processos lingüísticos correspondentes.

Com esse objetivo, será introduzida a noção de espaços mentais, referente a domínios distintos das estruturas lingüísticas, mas construídos em cada discurso de acordo com as informações fornecidas pelas expressões lingüísticas.

As expressões lingüísticas podem evidenciar novos espaços, elementos nos espaços e relações estabelecidas por esses elementos. As expressões que estabelecem um novo espaço são chamadas de “introdutores de espaços mentais”. Esses introdutores podem ser grupos adverbiais (no quadro de da Vinci, na mente de João, em 1982, do seu ponto de vista), advérbios (provavelmente, talvez, teoricamente...), conjunções lógicas (se p q), combinações sujeito-verbo (Maria acredita, Maria espera...). Os introdutores são acompanhados de orações lingüísticas que, na maior parte do tempo, estabelecem relações entre elementos dos espaços.

De outra parte, o introdutor I, que introduz o espaço M, introduzirá sempre M no interior de um outro espaço M' (seu espaço base, ou espaço pai).

O discurso D começa relativamente no espaço de origem B (a realidade do locutor):

(3)

1. Suzana ama Henrique (estabelece uma relação de “amor” entre Suzana e Henrique em M)

2. **Pedro acredita** que Suzana detesta Henrique



introdutor de M



Estabelece uma relação entre Suzana' e Henrique'
(os correspondentes à Suzana e Henrique em M)

O construtor de espaço (verbo .acreditar) estabelece novo domínio, que podemos chamar de espaço de crença C , no qual é estabelecida relação entre Suzana e Henrique. O espaço B é pai do espaço C.

Ao ser introduzido no discurso, um novo espaço é pragmaticamente ligado ao seu pai por um conector de gatilhos e alvos. Uma vez que os espaços são conectados por uma função pragmática, o novo espaço adquire elementos pela aplicação do Princípio de Acesso, estabelecendo *contrapartes* do referente original.. Dessa forma, no exemplo acima, *Suzana' e Henrique'* no espaço C são as contrapartes de *Suzana e Henrique* em B:

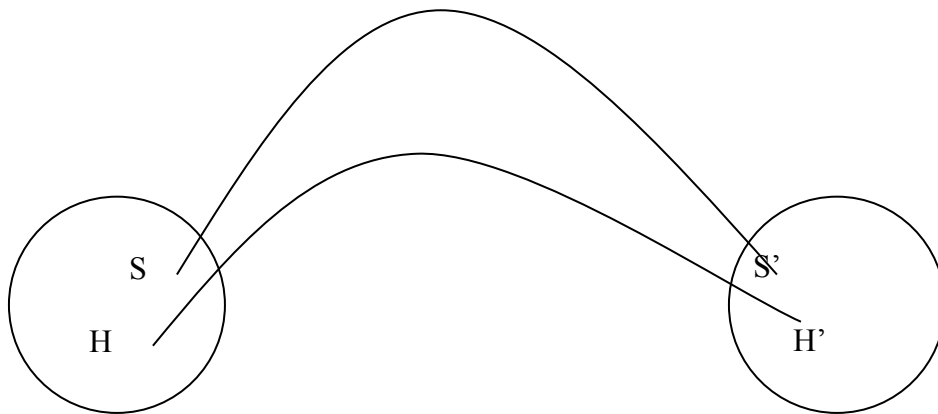


Fig. 3

P acredita...

Espaço B		espaço C
S – Suzana	S' – Contraparte de Suzana	P - Pedro
H – Henrique	H' – Contraparte de Henrique	

Segundo Fauconnier, a partir da base criam-se novos espaços, e desses novos espaços, outros podem ser estabelecidos. A partir desta premissa, foram propostas outras importantes noções: aquele espaço que, em um ponto qualquer do discurso, está dando acesso ou criando outro é chamado de ponto de vista. O ponto de vista pode estar em foco ou não, ou seja, pode ser ou não o espaço ao qual uma proposição está sendo adicionada. Se o espaço em foco não é o mesmo que o do ponto de vista, ele é acessado pelo ponto de vista.

Nas sentenças seguintes nos deparamos com várias interpretações possíveis

(4) 1. **Neste filme**, Clint Eastwood é um traidor.

M1

2. **Mas ele acredita** que ele é um herói.

M2

Na primeira interpretação, o personagem acredita que é um herói:

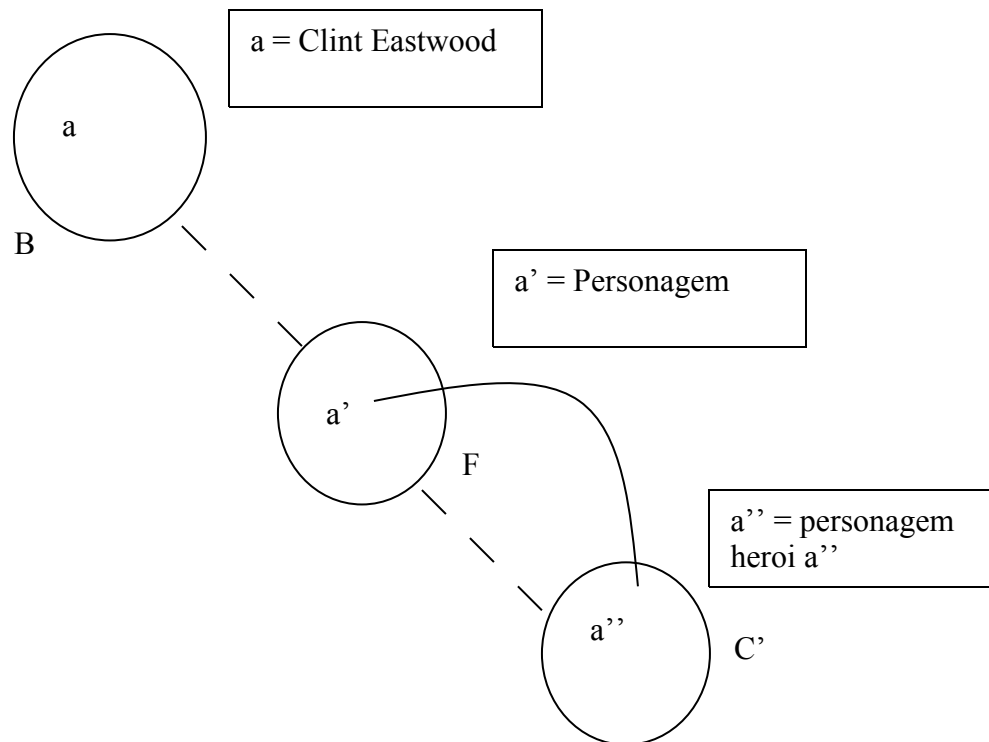


Fig.4

No diagrama acima, **F** é o espaço do filme e **C'** é o espaço de crença construído a partir de **F**.

Na segunda interpretação possível Clint Eastwood acredita, por engano que o personagem é um herói:

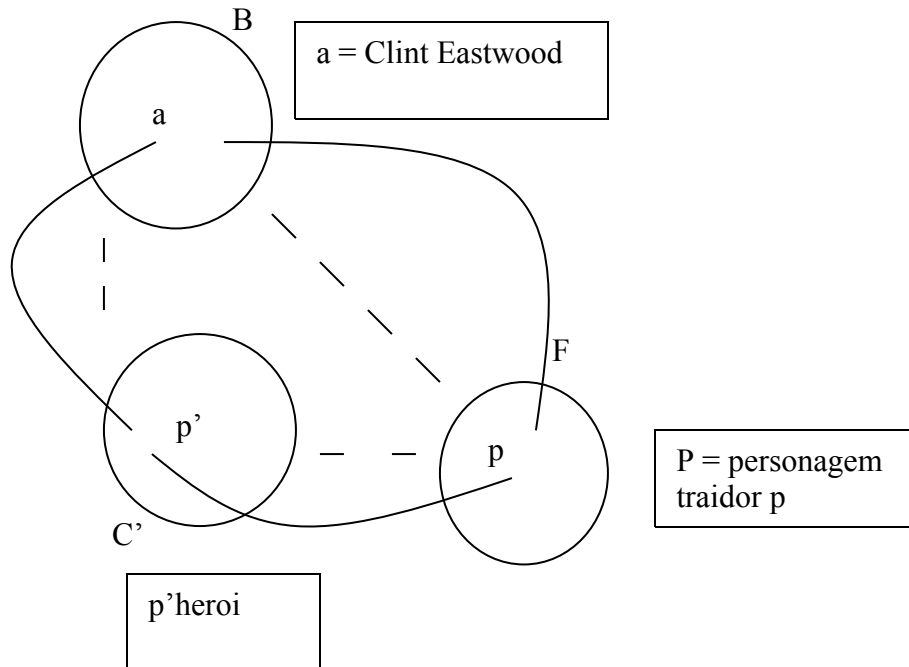
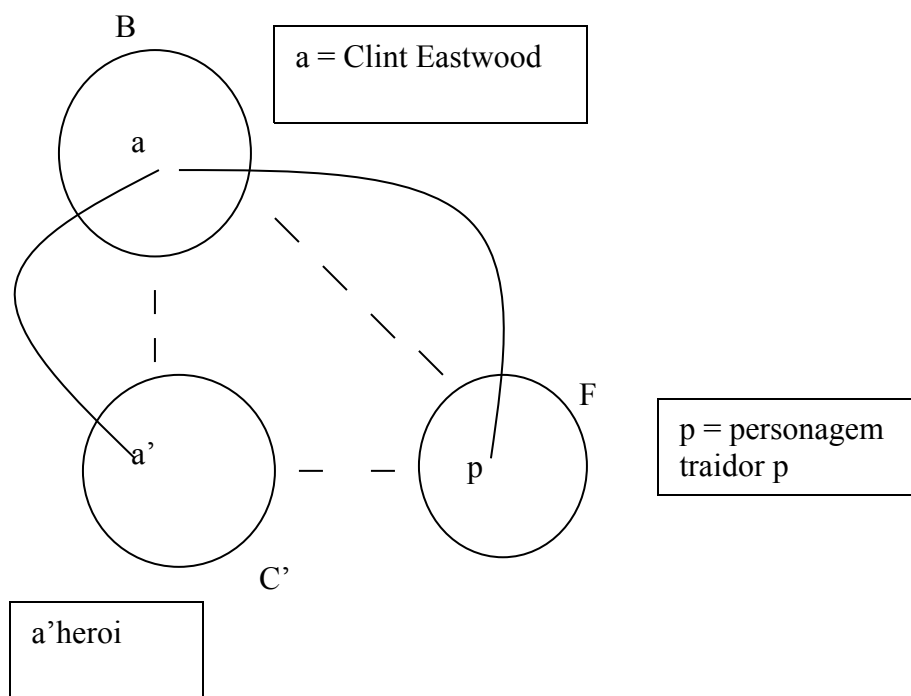


Fig. 5

Nesse caso, C' é o espaço de crença do indivíduo Clint Eastwood. Nesse espaço, o personagem do filme é concebido como um herói.

Por fim há a interpretação de que Clint Eastwood se acha um herói na vida real, diferentemente do herói do filme:

**Fig. 6**

No diagrama acima, a crença de Clint Eastwood é direcionada a ele mesmo (e não ao personagem do filme).

1.2.3 – Modelos Cognitivos Idealizados

Segundo Lakoff (1987), o conhecimento humano é organizado por estruturas chamadas Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Esses modelos cognitivos são chamados idealizados porque não precisam se ajustar perfeitamente ao mundo. O que consta num modelo cognitivo é determinado por necessidades, propósitos, valores, crenças compartilhados por indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade. Os modelos, portanto, são o resultado da atividade humana, determinada cognitivo-experencialmente, e da capacidade de categorização humana.

Essas estruturas idealizadas selecionam dentro de todos os traços possíveis do estímulo aqueles que são sistematicamente mais eficazes ou significativos, social ou instrumentalmente. Pode-se dizer que a soma dos MCIs constitui uma superestrutura do nosso conhecimento do mundo. Modelos Cognitivos devem, de acordo com nosso ponto de vista, ser entendidos, como Modelos Culturais, à medida que o sistema conceptual humano e as categorias por ele geradas são, ao mesmo tempo, cognitivas e culturais.

O melhor caminho para fornecer uma idéia do que seja MCI e de sua atuação na categorização é através de alguns exemplos. Um conceito, proposto por Fillmore (1971), que pode nos ajudar bastante nessa tarefa, é o conceito de “Frame”. Por exemplo, o vocábulo “terça-feira”. pode ser definido somente relacionado a um modelo idealizado que inclui um ciclo natural definido pelo movimento do sol. No modelo idealizado, a semana existe enquanto tem sete partes organizadas em uma seqüência linear. Cada parte é chamada dia e o terceiro é terça-feira. Similarmente, o conceito de final de semana requer

uma noção de semana de trabalho com 5 dias seguidos por uma pausa de dois dias. Nosso modelo de semana é idealizado. Sete dias da semana não existem objetivamente na natureza. Essa estrutura foi criada pelos humanos e, de fato, não são todas as culturas que adotam esse mesmo modelo.

Segundo Lakoff, os MCIs são como estruturas que permitem a organização do conhecimento e permitem também que criemos categorias e que façamos relações entre elas. Sendo assim, os MCIs seriam o mecanismo que permitiria o raciocínio humano. Os modelos cognitivos são *idealizados* porque não correspondem ao mundo real, mas a maneiras como o mundo é interpretado e organizado por seus habitantes. São também *idealizados* porque correspondem a regras que se tornam fixas, e que eventualmente não mais encontram seus preceitos sendo realizados. Um exemplo clássico que é muito usado para ilustrar a noção de MCI é o entendimento que uma comunidade tem sobre o universo feminino: mãe, dona-de-casa, (e/ou trabalha fora), mais sensível que o homem, preocupada com beleza física, etc. Assim, a categoria *mulher* é definida por um MCI e motiva diferenças a partir do modelo central que pode ser diferente para duas comunidades distintas: a mulher prototípica do interior não trabalhará fora, por exemplo. Uma mulher que seja dona-de-casa e mãe, mas que não se preocupe com a beleza, ainda estará na categoria *mulher*, mas será um exemplo menos prototípico.

Ainda segundo Lakoff, sem a capacidade de categorizar, nós não poderíamos atuar nem no mundo físico, nem no mundo social e intelectual. Esses conceitos mostram que dependemos do processo de categorização para interagir no mundo e com o mundo e assim sendo, nossa compreensão está diretamente ligada às nossas experiências sociais. O agrupamento que é realizado nos membros de uma categoria por seus traços comuns e

principalmente por suas semelhanças e dessemelhanças torna o pensamento criativo e possibilita a interpretação de frases usadas corriqueiramente como : “O pé da mesa está quebrado”. Esta criatividade que possibilita a interpretação da sentença supracitada, está presente nas metáforas, metonímias e todo um conjunto de imagens mentais que vão além do sentido literal das palavras usadas para categorizar o que vemos e ouvimos. Na verdade, o que entra em jogo nos usos lingüísticos não é o conjunto de traços abstratos que compõem as palavras, mas um modelo idealizado em que as expressões se inscrevem e adquirem sentido.

1.2.4 – Mesclagem Conceptual

Segundo Fauconnier (1997), a Mesclagem Conceptual (*Blending*) é uma operação mental fundamental que pode ser considerada a origem da nossa aptidão para inventar novos sentidos. Consiste em uma operação cognitiva que dá conta do fato de que uma estrutura cognitiva se cria a partir de duas estruturas já existentes, ou dois espaços iniciais, ou *inputs*. Há uma projeção parcial entre os espaços iniciais, estabelecendo-se uma correspondência entre elementos análogos. Os dois espaços iniciais estão ligados, por sua vez, ao espaço genérico que representa a estrutura abstrata que os espaços iniciais têm em comum e organiza esses elementos análogos. Finalmente, há um quarto espaço, que é o que nos interessa mais, nomeado mescla ou *blend*. A mescla contém uma estrutura própria emergente que não existe nos espaços iniciais. Passo a passo o processo constitui-se como segue abaixo:

1. **projeção interdomínios**: projeção parcial entre *contrapartes* dos inputs 1 e 2; ou seja, não é necessário que todos os elementos dos inputs sofram projeção para que se forme o esquema genérico e se torne possível a mescla, como mostra a figura abaixo:

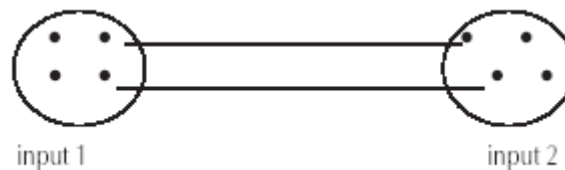


Fig. 7

2. **esquema genérico**: reflete a estrutura e a organização abstrata que há em comum entre os inputs, ou seja, aquela que é compartilhada por esses domínios como mostra a figura:

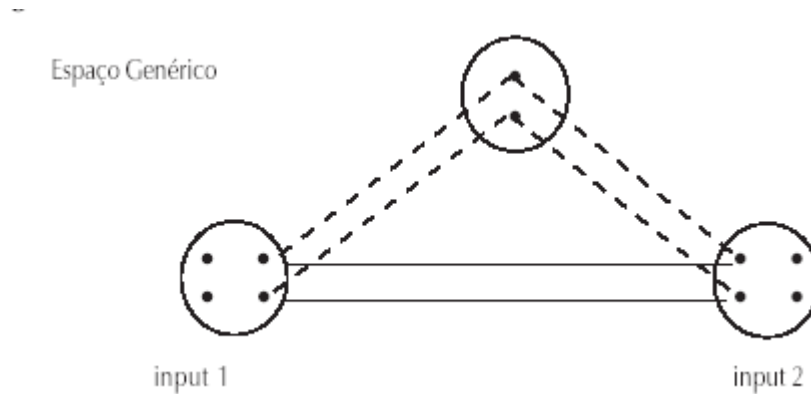


Fig. 8

3. **mescla**: os inputs são parcialmente projetados nesse quarto espaço. Podem ser projetados elementos que eram contrapartes ou não; e entidades dos inputs podem ser fundidos em um só elemento na mescla, ou podem ser projetados separadamente como ilustra a figura:

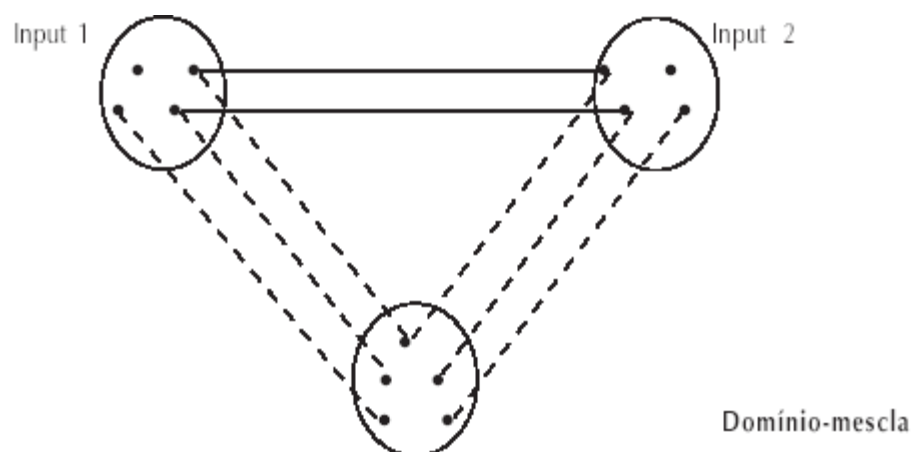


Fig. 9

4. **estrutura emergente**: a mescla tem estrutura emergente própria, que não é dada pelos inputs, e sim formada por contribuição deles . A estrutura emergente pode ser construída de três possíveis maneiras:

- a) por *composição* - as relações que ficam disponíveis não necessariamente existiam nos domínios anteriormente à mescla;
- b) por *completamento* - conhecimento compartilhado de frames e modelos cognitivos e culturais pode ser passado dos inputs à mescla, ou pode nascer das novas relações que surgem, por composição, na mescla;
- c) por *elaboração* - é possível que haja trabalho cognitivo dentro da mescla, em função da nova lógica instaurada.

Abaixo a figura ilustra a estrutura emergente::

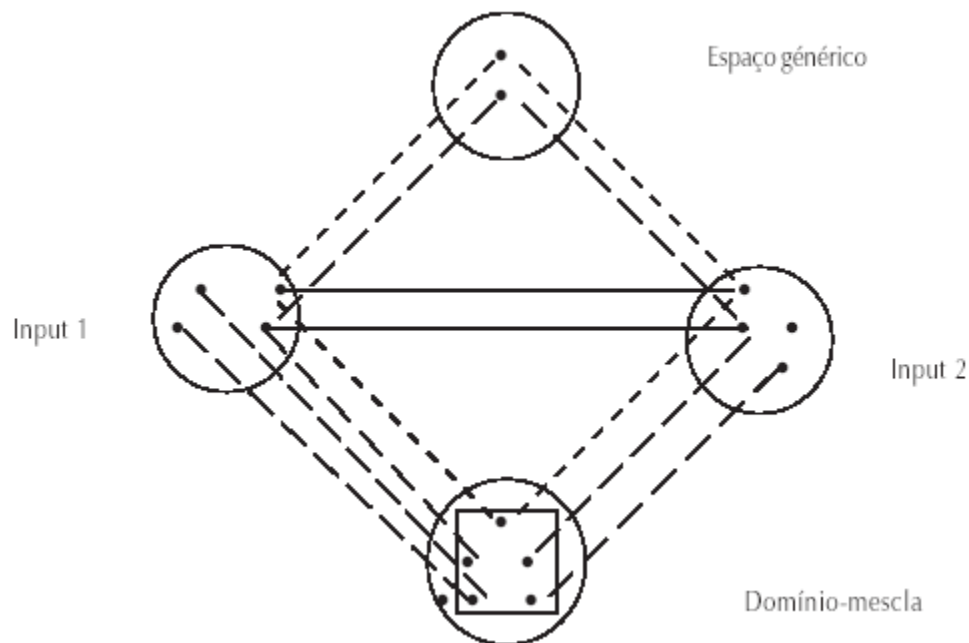


Fig.10

É possível exemplificar a mesclagem conceptual com a frase “Este cirurgião é um açougueiro”. Esta frase nos incita a utilizar dois espaços mentais como espaços iniciais. Em um há o papel do cirurgião típico e há alguém que é um cirurgião, no outro, há o papel de um açougueiro típico.

Antes que a integração conceptual possa começar, uma projeção parcial e provisória deve ser construída entre os espaços iniciais. Nesta projeção, que é provocada pela expressão « Este cirurgião é um açougueiro », o cirurgião corresponde ao açougueiro. Mas a essência da mesclagem conceptual está na criação de um novo espaço mental, a mescla. A mesclagem conceptual projeta alguns elementos e relações a partir dos espaços iniciais sobre o espaço mescla e esta projeção é seletiva. Nesse caso, o cirurgião e o açougueiro são projetados sobre o espaço mescla e lá são integrados. Conseqüentemente, um novo sentido surge no espaço mescla e esse novo sentido é o da incompetência. Nos espaços iniciais, nem o cirurgião, nem o açougueiro são incompetentes. A incompetência não está presente nos inputs e não podemos projetar a incompetência a partir de um espaço inicial sobre a mescla. A incompetência emerge de fato somente no « *blend* » e sendo assim, podemos verificar que a mesclagem pode fazer surgir novos sentidos.

Em alguns contextos é possível deparar-se com o uso da linguagem sob o formato de estrutura dialógica, em que o falante, forjando uma atividade interativa, institui-se como falante e ouvinte em um determinado tempo e espaço discursivo. Fauconnier (1997) ilustra esse processo de mesclagem com o exemplo intitulado “Debate com Kant”. Ao se dirigir a seus alunos e colegas um professor de filosofia diz:

“Eu Acho que a razão é uma capacidade de auto-desenvolvimento. Kant discorda de mim nesse ponto. Ele diz que a razão é inata, mas eu respondo que isso é dar a questão como provada, ao que ele se opõe, em “Crítica da Razão Pura”, defendendo que somente idéias inatas têm poder. Mas sobre isso eu digo: e a seleção grupal de neurônios? E ele não responde.”¹

¹Fauconnier deixa claro que há mesclagem quando outras falas são empregadas pela fala de um sujeito, como no exemplo supracitado, em que o filósofo contemporâneo afirma que Kant discorda dele, mesmo que eles nunca tenham se conhecido. A figura a seguir representa o fenômeno:

¹ Do original (Fauconnier, 1997): *.I claim that reason is a self-developing capacity. Kant disagrees with me on this point. He says it.s innate, but I answer that that.s begging the question, to which he counters, in Critique of Pure Reason, that only innate ideas have power. But I say to that, what about neuronal group selection? And he gives no answer..*

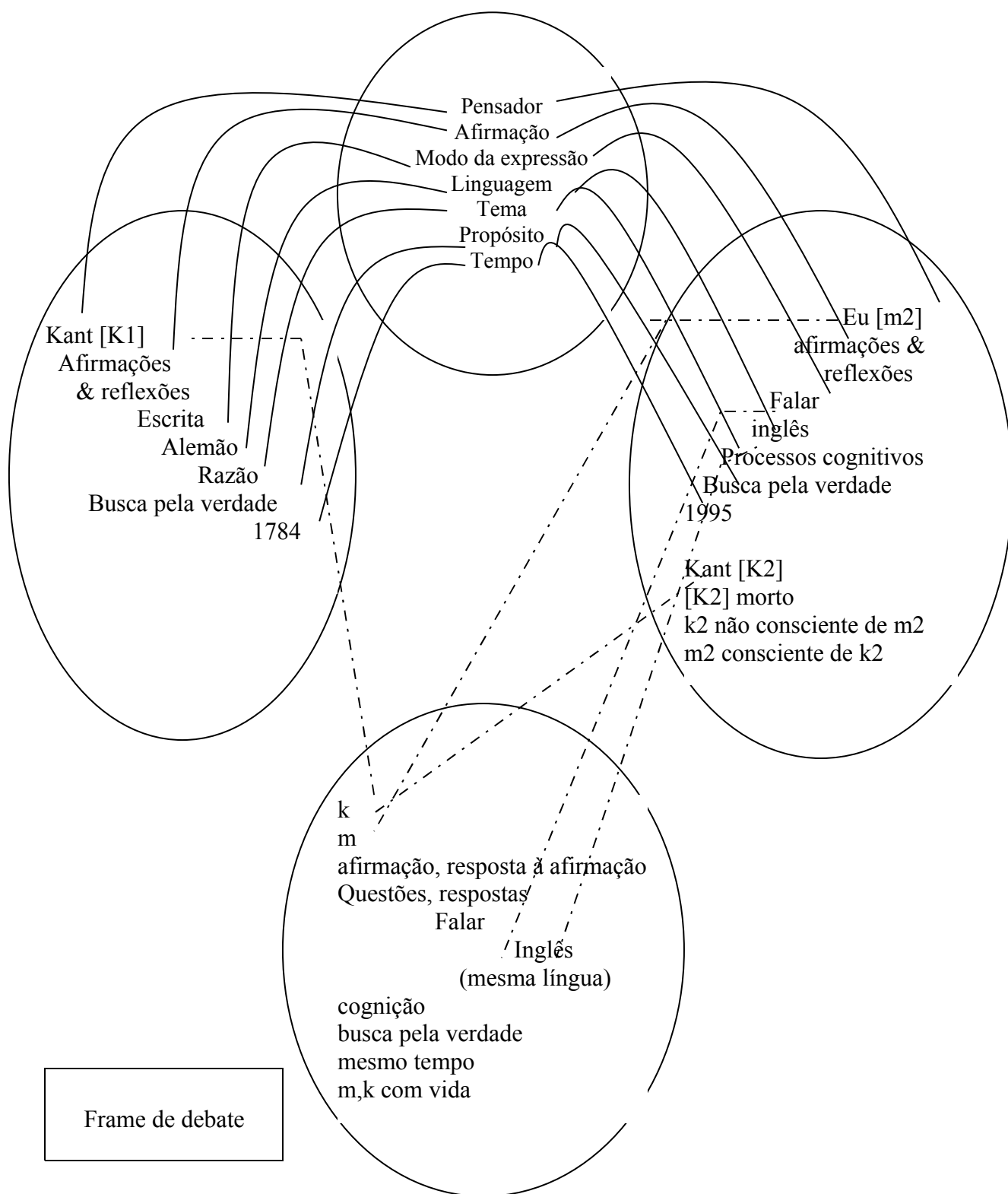


Fig. 11

Nesse exemplo, há dois espaços de *input*: um contém o filósofo moderno e suas asserções; o outro, Kant, suas idéias e seus escritos. O esquema genérico compartilhado é constituído de um pensador, que medita e defende idéias, um modo de expressão, uma língua específica e assim por diante. Já no espaço mescla, ambos se encontram conceitualmente, pois este espaço recebe o professor filósofo do input 1, a língua inglesa, o tempo em que o professor realiza o discurso; e recebe também kant do input 2 e suas idéias, mas não o fato dele estar morto, por exemplo. Além disso, o *frame* de debate é estabelecido para enquadrar Kant e o filósofo moderno no confronto simultâneo.

A noção de mesclagem conceptual tem se mostrado uma importante ferramenta teórica para a análise de fenômenos sintáticos, semânticos e pragmáticos à luz da Linguística Cognitiva, e será fundamental para a análise dos dêiticos de primeira pessoa que são objeto de estudo do presente trabalho, como se verá no capítulo quatro.

CAPITULO 2

O fenômeno da dêixis

Neste capítulo, serão resumidas as principais contribuições referentes ao fenômeno da dêixis. Inicialmente, a visão tradicional dos dêiticos na literatura pragmática será apresentada. Em seguida, contribuições recentes no âmbito da Linguística Cognitiva, mais diretamente relacionadas ao objeto de estudo da presente pesquisa, serão expostas.

2.1 Visão Tradicional

Levinson (1983) esclarece que se procurarmos algo que relacione intimamente a linguagem e o contexto, nos depararemos com o fenômeno da dêixis, pois ele reflete nas estruturas linguísticas a contextualização do seu uso. O termo “Dêixis” origina-se da palavra grega que indica “apontar” e tem como exemplos prototípicos o uso de demonstrativos, pronome pessoais de primeira e segunda pessoa, advérbios de tempo e lugar, como agora e aqui, e uma variedade de outros traços gramaticais.

Essencialmente, a dêixis concerne à forma como a linguagem verbaliza características do contexto do discurso, e também diz respeito à forma como a interpretação

do discurso depende do seu contexto. O pronome demonstrativo “este”, por exemplo, exemplifica bem a noção de dêixis supracitada, pois ele não nomeia nem se refere a uma entidade particular em todas as ocasiões em que é usado. Pelo contrário, “este” é um indicador para alguma entidade dada pelo contexto, no caso, próxima ao falante.

Quando no discurso uma informação está ausente, pode-se observar a importância da informação dêitica para a interpretação do mesmo. No exemplo seguinte, adaptado de Levinson (1983: p. 54), a frase poderia estar presa a uma porta:

(5) Voltaremos em uma hora

Pelo fato de não sabermos quando a mensagem foi escrita, não podemos saber quando a pessoa que a escreveu irá retornar. Ou imaginemos que houvesse três pessoas presentes numa sala e que as luzes se apagaram no exato momento em que a seguinte frase foi pronunciada:

(6) Escute, eu não estou discordando de você, e sim de você, e não sobre isso, mas sobre isso.

Analisando os exemplos acima, pode-se dizer que a dêixis está no domínio da pragmática, já que diz respeito à relação entre a estrutura linguística e o contexto no qual ela é usada. A dêixis concerne à codificação de aspectos variados das circunstâncias que delimitam o discurso. Pode-se dizer que o discurso está ancorado no contexto.

A semântica das condições de verdade postula que uma frase só é significativa se puder ser avaliada em termos de verdade ou falsidade. Traçando uma aproximação da

dêixis com este tópico da semântica, analisemos a sentença seguinte e suas condições de verdade:

(7) Latizia de Ramolino foi mãe de Napoleão.

A verdade da frase acima não depende do que foi dito e sim dos fatos da história. Já na sentença seguinte:

(8) Eu sou a mãe de Napoleão

Não podemos assegurar a verdade da sentença sem tomar conhecimento do falante. Nesse caso, além do conhecimento de fatos da história, precisamos tomar conhecimento também do contexto, pois “eu” não especifica a identidade da mãe de Napoleão. O pronome “eu” não é o único a apresentar este tipo de ambigüidade; nas sentenças que seguem podemos observar fenômeno semelhante:

(9) Você é a mãe de Napoleão.

(10) Mary está apaixonada por aquele ali.

(11) Agora são 12:15h.

A sentença (9) é vista como verdadeira somente se o ouvinte for de fato a mãe de Napoleão. O enunciado (10) é verdadeiro se Mary está de fato apaixonada pelo indivíduo que ocupa a localização designada pelo falante e (11) é verdade se a hora do pronunciamento da sentença tiver sido as 12:15h.

Em cada caso, a dependência do contexto pode ser traçada para especificar expressões dêíticas. Sentenças que contêm tais expressões e cujas verdades dependam de alguns fatos sobre o contexto do discurso (identidade dos falantes, ouvintes, indicações de

objetos, lugar, tempo, etc) , não são especiais ou peculiares, mas parte essencialmente da gramática de qualquer língua.

As categorias tradicionais da dêixis são as de pessoa, lugar e tempo. A dêixis pessoal concerne à codificação do papel dos participantes em um determinado evento de fala: o dêitico de primeira pessoa codifica o falante, o de segunda pessoa codifica o ouvinte e o de terceira pessoa codifica a pessoa ou a entidade que não englobe nem o ouvinte e nem o falante.

A dêixis de lugar diz respeito à codificação do espaço relativo à localização dos participantes do evento de fala. Muitas línguas gramaticalizam a diferença entre proximal e distal, sendo respectivamente perto do falante e perto do destinatário. Essas distinções são codificadas em demonstrativos, como por exemplo, “este” e “aquele” e em advérbios de lugar como “aqui” e “lá”.

A dêixis temporal concerne à codificação do tempo em que o discurso foi dito ou escrito. Este tempo, segundo Fillmore (1971), pode ser chamado de tempo de codificação, sendo este distinto do tempo de recepção, como o exemplo (5) “Voltaremos em uma hora”, mostra claramente.

Há ainda as dêixis discursiva e social. A primeira codifica a referência dentro de um enunciado a partes do discurso em que o enunciado está localizado. A segunda diz respeito à codificação das distinções sociais que são relativas aos papéis dos participantes e, mais especificamente, a aspectos do relacionamento social mantido entre o falante e o ouvinte.

Segundo Lyons (1977), é geralmente verdade que a dêixis é organizada em um eixo egocêntrico. Ou seja, para a finalidade da interpretação semântica ou pragmática, nós pensamos nas expressões dêíticas como ancoradas no falante para especificar pontos no evento comunicativo. Então, os pontos não marcados constituem o centro dêítico que é tipicamente assumido da seguinte forma: (i) a pessoa central é o falante, (ii) O tempo central é o tempo no qual o falante produz o discurso (iii) o lugar central é a localização do falante no tempo do discurso, (iv) O discurso central é o ponto no qual o falante está freqüentemente na produção de seu próprio discurso (v) O centro social é o status social do falante, ao qual o status do ouvinte está relacionado. Mas há várias exceções para isso. Por exemplo, em algumas línguas temos demonstrativos organizados em volta da localização de outros participantes que falam. Há também vários usos derivados, nos quais são usadas expressões dêíticas que muda esses centros dêíticos para outros participantes, ou de fato para protagonistas em narrativas. Lyons (1977) chama isso de projeção dêítica; Fillmore (1975) muda a nomenclatura para ponto de vista. Os processos envolvidos em tais mudanças são essenciais para um entendimento do desenvolvimento da diacronia das várias palavras dêíticas e também para o uso em outros discursos que não a interação face-a-face.

2.1.1. Dêixis Pessoal

À medida que os “falantes” mudam entre si, também mudam os centros dêíticos, nos quais “se equilibram” os sistemas dêíticos, movendo-se abruptamente de um participante para outro. As dificuldades que um marciano ou uma criança teriam com tais sistemas são cuidadosamente ilustradas na seguinte história judaica adaptada de Levinson (1983:p. 68):

“Um professor hebreu descobriu que havia esquecido em casa seus confortáveis chinelos e enviou um estudante à sua casa com o seguinte bilhete para sua esposa: Envie-me seus chinelos com este garoto. Quando o estudante perguntou porque ele havia escrito ”seus” chinelos, o professor respondeu: Se eu tivesse escrito “meus” chinelos, ela teria lido “meus” e teria me enviado os chinelos dela. O que eu poderia fazer com os chinelos dela? Então, eu escrevi “seus” chinelos, ela lerá “seus” chinelos e enviará os meus.”

Na dêixis de pessoa, as distinções gramaticais básicas são as categorias de primeira, segunda e terceira pessoa. Se for produzida uma análise dos sistemas pronominais, os traços que poderão ser listados para o conhecimento do sistema inclui: para primeira pessoa, inclusão do falante (+F); para segunda pessoa, inclusão do ouvinte (+O); e para terceira pessoa exclusão do falante e do ouvinte (-F, -O).

Há línguas, entretanto, que possuem o sistema pronominal bem rico, como o japonês, por exemplo. Nessa língua, os pronomes são diferenciados também pelo sexo do falante, status social e nível de intimidade.

Um outro exemplo interessante é o que ocorre na língua francesa com a segunda pessoa do plural que pode ser usada de duas formas: como forma de polidez para se dirigir a uma pessoa ou para se endereçar a várias pessoas. Nas frases que seguem, (12) é ambígua e (13) só pode ser direcionada a uma única pessoa. Esta diferença é dada pelo predicado:

(12) Vous parlez français?

(13) Vous êtes le professeur?

2.2. Visão Cognitiva da Dêixis

“Um dos princípios básicos do realismo experiencial e da lingüística cognitiva é que a língua não é representação de uma realidade objetivamente existente, mas da realidade como é percebida e experienciada pelos seres humanos.”

MARMARIDOU

Em seu livro sobre fenômenos pragmáticos (*Pragmatic Meaning and Cognition*), Marmaridou propõe uma nova abordagem para o fenômeno da dêixis, baseando-se na abordagem experiencialista e cognitivista. Sendo assim, a visão de Marmaridou sobre este fenômeno é bem mais ampla se comparada a visão tradicional, já mencionada neste trabalho. A visão tradicional da dêixis possui determinações categóricas do que é ou não um dêitico e Marmaridou reivindica que este fenômeno não pode ser tratado em uma abordagem semântica baseada em condições de verdade, já que esta abordagem não pode fazer referência a parâmetros contextuais do significado e a dêixis é dependente do contexto.

Marmaridou analisou algumas situações que as teorias tradicionais encontram dificuldade para solucionar, como por exemplo a referência em terceira pessoa que apesar de ser geralmente anafórica como em (14) pode ser também dêitica como em (15) (16)

- (14) Jane tirou seus sapatos e então ela pegou um papel.
- (15) A senhora Jane gostaria de um pouco de chá?
- (16) Johnny deve ir para a cama agora.

Marmaridou explica que abordagens tradicionais da dêixis consideram como não dêíticos usos anafóricos de termos como em (14). Ela argumenta que uso de “ela” é certamente não dêítico, mas não é este pronome um termo dêítico prototípico, porque pertence a categoria de terceira pessoa da referência que é geralmente um pobre candidato a expressões dêíticas. Sentenças como esta podem ser interpretadas sem nenhuma referência da identidade do falante, tempo ou lugar do discurso.

Diferentemente do exemplo (14), os exemplos (15) e (16) apresentam a terceira pessoa como termo dêítico e não é suficiente considerar as intenções do falante, mas mais crucialmente, é importante considerar o tipo de sintagma nominal usado e os parâmetros sociais do evento de fala. Nesses exemplos os destinatários são identificados através da referência em terceira pessoa. Essas sentenças possuem termos dêíticos porque a referência aos destinatários são feitas segundo parâmetros sociais do evento de fala.

Aparentemente dêixis e anaforicidade são prototipicamente fenômenos incompatíveis. A dêixis depende diretamente de um contexto extralingüístico para estabelecer referentes, já a anáfora depende que os referentes sejam estabelecidos através de outros significados (lingüísticos ou extra-lingüístico). Para marmaridou a categoria da dêixis deve incluir tanto os casos claramente dêíticos, como os outros menos prototípicos.

A abordagem experiencial que Marmaridou adota para tratar da dêixis propõe solução para três problemas que aparecem quando se trata da abordagem tradicional. O

primeiro é a relação entre dêixis pessoal e social, vista nos dois últimos exemplos. Para a ela, esses dois tipos de dêixis não devem ser tratadas separadamente, pois as duas situam falante e discurso em um meio social, ou seja, ao mesmo tempo em que determina os papéis participativos do discurso da dêixis pessoal, o uso de pronomes estabelece os papéis sociais de acordo com o cenário do evento discursivo. O segundo diz respeito à relação entre dêixis temporal, dêixis discursiva e dêixis de lugar que acontece através da conceptualização da dêixis como mapeamento entre domínios. E a terceira questão é que na tradicional classificação dos termos dêíticos torna obscuro o uso não dêítico de termos dêíticos e o uso dêítico de termos não dêíticos.

Separadamente dos advérbios, a dêixis de tempo é freqüentemente expressa com adjetivos tais como “próximo” e “último” e demonstrativos “este” e “aquele” quando ligados a tempos específicos e seus nomes, como em “próxima semana”, “último domingo”, “este mês”, “aquele dezembro”. Um interessante traço dos adjetivos é que eles também são dêíticos de lugar, como em “este quarto”, “próxima estação”. Outra observação interessante feita por Marmaridou é que as mesmas palavras são também dêíticos discursivos como em “último parágrafo”, onde o centro dêítico é o parágrafo, conteúdo o próprio discurso.

Marmaridou constatou que a abordagem tradicional não dá conta do fenômeno da dêixis, pois não leva em consideração os usos dêíticos que se afastam um pouco da “normalidade” e ela postula uma nova abordagem que dará conta dos aspectos cognitivos e sociais da dêixis. Para tentar solucionar os problemas da abordagem tradicional, ela defende que a dêixis é conceptualizada em termos de modelo cognitivo idealizado (MCI) que estrutura um espaço mental que conseqüentemente é o protótipo dessa categoria. Para ela, o

MCI da dêixis que é responsável pela estrutura prototípica da categoria, se baseia no ato de apontar. E segundo Marmaridou a dêixis deve ser entendida em termos de esquema imagético de centro x periferia que leva em conta a egocentricidade da categoria e as relações de distância entre o centro dêítico e o objeto da dêixis. Marmaridou ainda propõe uma rede de metáforas conceptuais que liga a dêixis pessoal e a dêixis social e também uma rede de metáforas que liga a dêixis de lugar, de tempo e discursiva.

O MCI dêítico proposto por Marmaridou inclui o ato de apontar uma entidade no espaço. Esta ação é realizada por um falante e dirigida a um destinatário. Deste modo, quando um dêítico é pronunciado, há uma construção de um espaço mental em que o falante e o destinatário estão presentes contidos em um espaço de tempo. Sendo assim, expressões lingüísticas evocam espaços mentais e é estabelecido o centro dêítico, definindo a estrutura do MCI. Esta concepção remete ao esquema imagético centro x periferia, que é pautado na experiência humana de haver um corpo com um centro e periferias, sabendo que o centro é a parte que comanda as periferias. A partir desta noção surge também o esquema de proximidade x distância. Desta forma, a dêixis usada no seu sentido prototípico irá conter a forma ideal do esquema imagético, enquanto que os usos menos prototípicos vão se afastar deste ideal.

Projeções metafóricas também são propostas por Marmaridou, pois a metáfora conceptual consiste no envolvimento entre dois domínios, sendo um domínio alvo e outro domínio fonte. Esta visão colaborou para o estudo da estrutura da dêixis em termos de parâmetros sociais de um evento comunicativo como espaço físico. Sendo assim, a estrutura cognitiva de espaço social é compreendida em relação a noções de proximidade e

distância espacial. Estas duas sentenças do francês têm a mesma tradução, mas a primeira estabelece proximidade e a segunda distância social respectivamente:

(17) Veux-tu un verre d'eau?

(18) Voulez-vous un verre d'eau?

Como a organização conceptual da dêixis proposta por Marmaridou diz respeito a um MCI, há a viabilidade de que os casos prototípicos apresentem diferenças. É o caso do uso impessoal do pronome “você”, que não se refere a um destinatário específico, mas a todos que podem ser referência dentro do contexto:

(19) Você bate as claras em neve

Sendo o fenômeno da dêixis proposto em termos de categorias radiais, o exemplo acima é menos prototípico e pode ser visto mais distante do centro. O fato dele não ser o protótipo da categoria, não o faz não dêitico e sim menos prototípico.

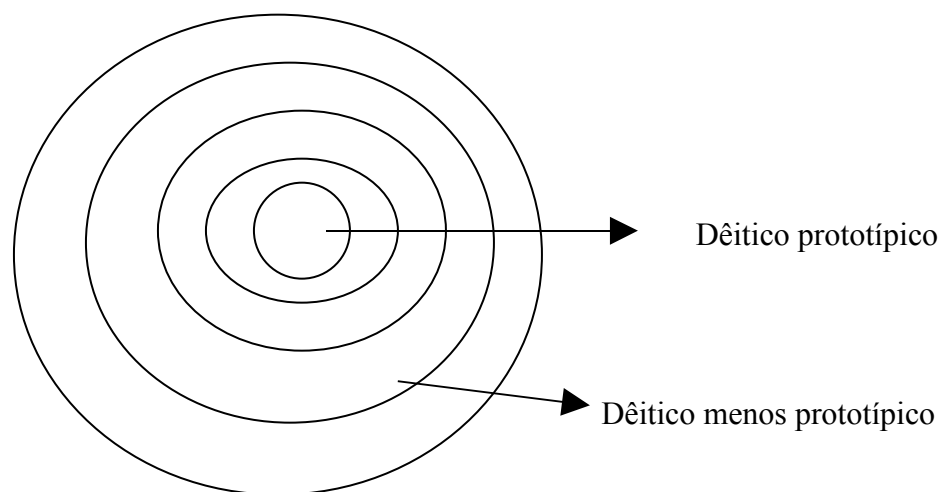


Fig. 12

A descrição da análise do fenômeno da dêixis por Marmaridou mostra que ao longo das regularidades que podem ser observadas na categoria da dêixis, dêixis pessoal e social de tempo, lugar e discursiva, tem certos usos dos termos dêiticos que parecem se afastar dessa regularidade. Além disso, ela concluiu que é metodologicamente difícil a distinção entre dêixis pessoal e social, assim como a de tempo, lugar e discursiva que são freqüentemente expressas pelos mesmos termos dêiticos. E finalmente ela observou que alguns usos são mais característicos da categoria da dêixis que outros que estão mais distantes do centro da categoria.

Segundo Marmaridou, a dêixis pode ser menos ou mais prototípica, pois todas as sub-categorias da dêixis são metaforicamente derivadas da dêixis de lugar. Ainda segundo ela, o MCI da dêixis estrutura um espaço mental que é construído pelo uso de termos dêiticos específicos. Ela concluiu que se o espaço mental é totalmente estruturado pelo MCI da dêixis, os construtores de espaços mentais serão satisfatórios e nesse caso há exemplos de dêiticos prototípicos. Mas se o espaço mental é construído por um termo que é também estruturado por elementos não dêiticos, este termo será deiticamente menos prototípico e seu uso será caracterizado como marginal ou não dêitico.

A proposta da análise mostrada por ela é que a dêixis é internalizada em termos de modelos cognitivos idealizados e projeções metafóricas que motiva a construção comunicacional e social definida pelos papéis num evento de fala. Esta visão cognitiva do fenômeno da dêixis é de uma enorme importância para este trabalho, já que apresenta soluções para os dêiticos que se afastam da prototipicidade, pois os concebe em termos de categorias radiais.

2.3 Referência e Mesclagem em Jogos de Computador

Nesta seção, enfocaremos o artigo de Tea & Lee (2004) sobre referência e uso de pronomes pessoais em telas do jogo de computador intitulado *Icewind Dale II* (doravante chamado de CRPG – *Computer role-playing game*). À luz da teoria dos espaços mentais, os autores enfocam os pronomes de primeira e segunda pessoa do singular, e demonstram primeiramente que as análises tradicionais falham quando o assunto é explicar a ambigüidade referencial desses pronomes. Nessa perspectiva, os autores argumentam que a abordagem cognitivista, embasada na teoria dos espaços mentais e mesclagem conceptual, é eficaz para explicar casos de ambigüidade referencial entre o jogador e o personagem do jogo.

Tea & Lee extraíram dados na forma de discursos fragmentados oriundos do CRPG. O foco da análise foi a modalidade escrita contida no jogo. Dados visuais e de áudio não foram considerados por eles. Os autores destacam os seguintes fragmentos de comandos extraídos da tela do computador durante o jogo intitulado *Icewind Dale II*:

(20) Enquanto **seu** personagem não precisa comer, lembre-se que **você** precisa e nós não queremos perder nenhum jogador dedicado.

(21) O Jogo possui um salvamento automático quando **você** deixa o grupo. Se **você** morrer, verifique **seu** salvamento automático.

(20) é um exemplo de um texto pré-programado que o computador gera aleatoriamente durante o jogo. Tais textos pré-programados servem para oferecer ao jogador uma variedade de sugestões e advertências. Em (20), Tea & Lee ressaltam que há

uma clara distinção entre os personagens no mundo da fantasia que não precisam comer e os jogadores no mundo real que estão sujeitos às leis naturais (a necessidade de comer por exemplo).. Portanto, o jogador se refere à pessoa no mundo real, enquanto que o personagem se refere à entidade (graficamente representada) no mundo da fantasia no jogo que representa o jogador. Sendo assim, o jogador joga com o seu personagem.

Segundo os autores, o exemplo em (21) levanta um sério problema teórico. Uma análise co-referencial do “você” e “seu” na segunda sentença do exemplo revela uma falha na relação endofórica entre eles, ou seja, a referência do pronome não aponta para um segmento discursivo que precede esse mesmo pronome. Ambas expressões pronominais se referem a mesma forma pronominal básica “você”, o que pode levar a pensar que se trata da mesma entidade, mas com papéis diferentes. Porém, Tea & Lee analisam que esta leitura sobre o acontecimento pode ser falha quando se percebe que a entidade personagem, que é referida pela forma “você”, é referencialmente única no mundo do jogo, enquanto que a entidade jogador é indicada pelo pronome “seu” e é referencialmente única no mundo real. Está evidenciado que há dois discursos instaurados aqui, e não um. Sendo assim, verifica-se um interessante caso de ambigüidade referencial manifestada na forma pronominal “você”.

O próximo fragmento do jogo descreve a cena na qual o jogador assume o papel de um personagem que se chama “Zavier” e o mesmo dialoga com o computador que não está controlado por nenhum jogador. O computador assume o papel do personagem Ulbrec Dinnsmore, e Zavier e Dinnsmore discutem sobre a localização da ponte Shaengarne:

Zanvier: Ponte Shaengarne?

Ulbrec Dinnsmore: Deixe-me ver seu mapa. Eu marcarei a localização pra você - aqui é Targos e Shaengarne é exatamente ao sul.

Zanvier, que é um aventureiro no jogo, é interpretado pelo jogador, cuja meta inclui alcançar os objetivos do jogo. Ulberec Dinnsmore é um personagem do jogo que preenche o papel de prefeito da cidade de Targos (Targos é a cidade do jogo). Ele também regularmente dá informações importantes para os personagens representados no jogo. Durante o desenrolar do jogo, conversações tais como as que foram mostradas entre Zanvier e Dinnsmore são refletidas na janela de informações.

Tea & Lee consideram a resposta dada por Dinnsmore interessante. Na análise da primeira sentença do discurso de Dinnsmore, que foi mostrado acima, eles observaram o pronome “me” e o possessivo “seu” que foram usados no discurso. Examinando os dados, “me” surgiria para se referir ao personagem não jogador, o próprio Dinnsmore. Entretanto, eles ressaltam que o único caminho para acessar o mapa para ver a duração do jogo é através de um botão contido no painel. Na tela do computador, o painel está localizado abaixo da área de jogo. O painel com os botões estão acessíveis somente ao jogador.

Tea & Lee concluem que há uma mesclagem conceptual que se manifesta nas formas “me” e “seu”. No lugar de “me”, a voz do narrador / projetista do jogo onipresente e onisciente é retratada pelo personagem Dinnsmore. Além de ser acessível para o jogador, o mapa também funciona como uma plataforma onde todos os narradores conhecidos demonstram seus conhecimentos sobre o jogo e informa ao jogador das perspectivas do jogo. Essa distribuição de informações pelo narrador é mediada via painéis de interface jogador-computador e refletidas na tela do mapa, que não faz parte do mundo do jogo. Então a mesclagem ocorre quando traços selecionados da identidade do projetista do jogo, neste caso sua habilidade em acessar a janela de interface do mapa, são fundidas com a identidade de Dinnsmore do jogo. O efeito criado é que Dinnsmore informa Zanvier sobre a

localização da ponte, mas na verdade, é o projetista do jogo que através do software de computador, marca o mapa enquanto que ao mesmo tempo através da personagem do mundo do jogo , Dinnsmore, dá informação para outro personagem (Zavier) .

O esquema a seguir ilustra o fenômeno:

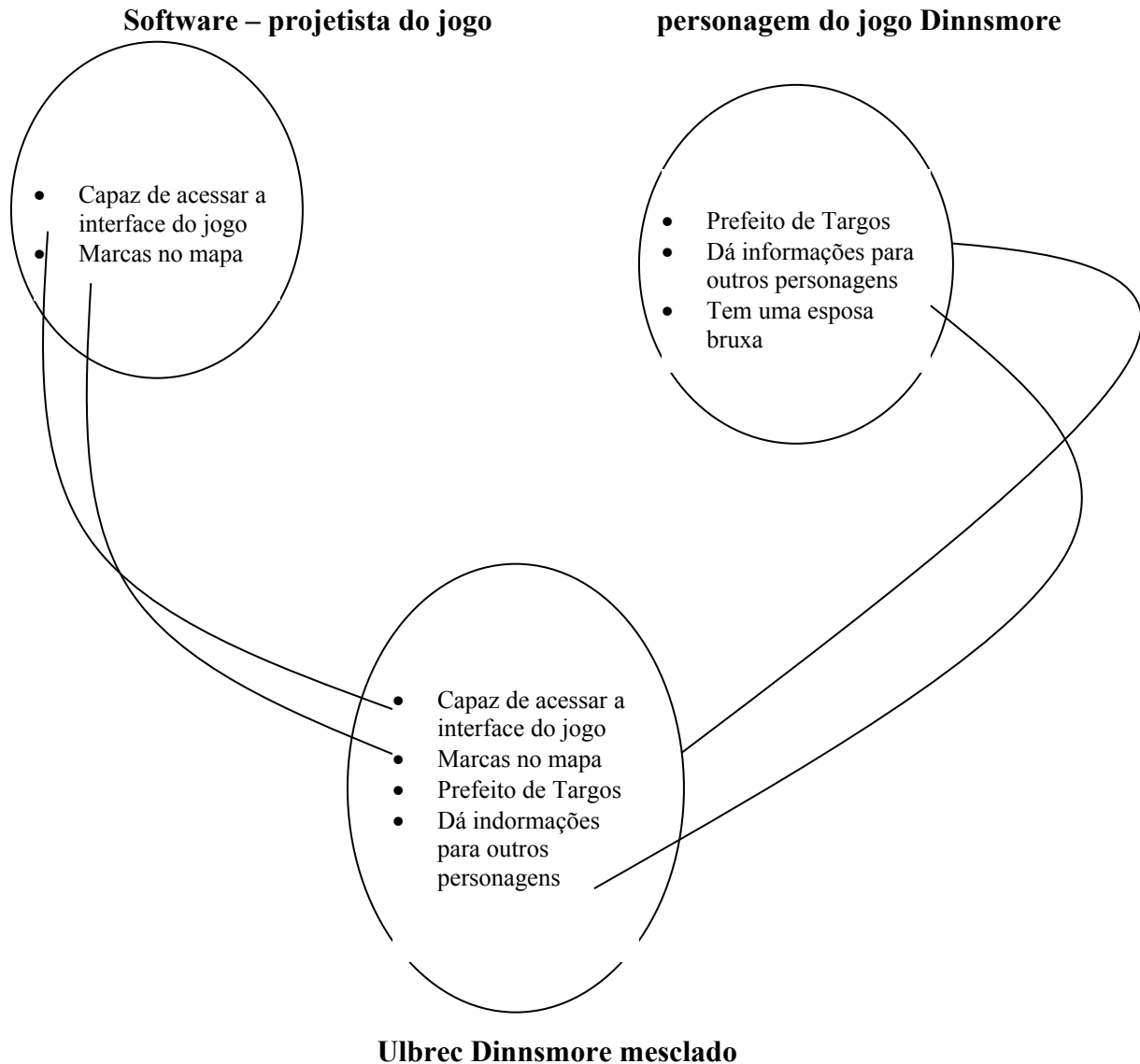


Fig. 13

No diagrama acima, o espaço input designer/narrador do jogo contém vários elementos cognitivos esquematizando características do mundo real do projetista/narrador do jogo. Eses elementos incluem a habilidade para acessar a interface do computador, o conhecimento e habilidade para marcar localizações em um mapa eletrônico, assim como numerosas outras possíveis características circunscritas pelo esquema do projetista/narrador.

O outro input rotulado personagem do jogo - Ulbrec Dinnsmore, contém elementos esquematizando traços do personagem do mundo do jogo. Esses elementos incluem vários traços que podem ser oriundos do discurso mostrado na conversação apresentada acima. Tea & Lee observam que a partir da continuação da conversação da qual o fragmento “deixe-me ver seu mapa” é extraído, pode-se concluir que Dinnsmore é o prefeito de Targos e aquele que dá informações para Zanvier e que Dinnsmore tem uma esposa bruxa que vende pergaminhos mágicos. Para o propósito e dentro do contexto do diálogo mostrado, elementos selecionados dos espaços de input são projetados dentro do espaço mescla, dando margem ao espaço mental chamado “Ulberrec Dinnsmore Mesclado”. Entretanto, traços do espaço input do personagem que não são projetados são irrelevantes para o espaço mescla.

Similarmente, a representação cognitiva de Dinnsmore no espaço mescla, não contém todas suas características do mundo do jogo, nem os traços do projetista do jogo no mundo real. O espaço que resulta na mescla é distinto, já que incorpora elementos selecionados de ambos os espaços-input. A identidade de Dinnsmore representada pelo

espaço mescla, é caracterizado pela fusão do Dinnsmore do mundo do jogo e pelo projetista do jogo do mundo real.

Tea & Lee explicam também um outro processo de mesclagem que ocorre na mesma sentença, a mesclagem que envolve o pronome possessivo “seu” que tem um mecanismo parecido com o mostrado anteriormente. Desta vez temos em um input o jogador e sua habilidade para acessar o computador, por exemplo, e no outro input o personagem do jogo Xavier, que é um aventureiro em Targos. Resultante da analogia dos dois espaços, forma-se um espaço mescla com um Xavier mesclado.

2.4 Mesclagem, Polissemia e Dêixis

No português brasileiro, ocorrências reais dos dêiticos de pessoa, tempo e espaço – o pronome de primeira pessoa do plural “nós”, o advérbio de tempo “hoje” e o advérbio de lugar “aqui” - foram analisados por Scamparini e Ferrari (2006), à luz da teoria dos Espaços Mentais e da noção de mesclagem conceptual

As autoras argumentaram que a conceptualização da referência dêítica constitui-se a partir de processos de mesclagem, que envolvem o MCI da dêixis e diferentes tipos de MCIs ativados pelo discurso. Esses domínios conceptuais contribuem para a construção de um espaço-mescla específico em que os interlocutores reconhecem informações de pessoa, espaço e tempo.

A análise apresentada enfocou os elementos dêiticos polissêmicos “nós”, “hoje” e “aqui” em crônicas de João Ubaldo Ribeiro, com base em domínios identificados como dialógico, político e genérico.

Com relação ao domínio dialógico, as autoras afirmam que é possível identificar que há um diálogo entre o escritor e seus leitores. O escritor dirige-se aos seus interlocutores e os chama para a reflexão, como ilustra o exemplo a seguir.

(22)...(aliás, .gente., assim como .pessoa., não devia ser palavra feminina, porque há o risco de ofender homens extremadamente ciosos de sua masculinidade; **tentemos** empregar, por exemplo, .gento. e .pessôo. ao **nos referirmos** ao sexo masculino e .genta. ao feminino)...
(O programa fala zero)

Apesar da 1ª pessoa dialógica encontrada nas crônicas estar muito próxima ao ‘nós’ prototípico da categoria dêítica, o contexto em questão é alternativo àquele de uma

produção discursiva oral, já que se trata de um texto escrito. O que ocorre é a ativação de um domínio específico pelo discurso, através do uso de verbos que são semanticamente próximos, os quais fazem referência a um evento discursivo. *Reconhecer, pensar, lembrar, referir, imaginar*. são verbos que apontam para um MCI de evento comunicativo dialógico, do qual fazem parte ações como as descritas pelos verbos mencionados: os participantes de um diálogo devem chegar a um acordo em relação ao evento comunicativo, ou àquilo do que se quer falar; para tanto, o falante incita o raciocínio (*pensar, imaginar*), a opinião (*reconhecer*) de seu interlocutor, para que a idéia em questão chegue a ser compartilhada por ambos (*referir, dizer*).

Sendo assim, foi identificado que os sentidos dos verbos e substantivos ativam um domínio específico e estável, o MCI da Comunicação Escrita. Segue abaixo o esquema deste MCI:

MCI da comunicação escrita
Intenção de comunicação, ou acordo/convencimento, ou lembrança ⁴³ , etc...
Objetivo: informação, opinião, crítica, lembrança, registro, denúncia...
Escritor
Leitor (es)
Espaço textual
Dia/momento da redação
Dia/momento da leitura

O MCI acima constitui como uma organização da idéia que se compartilha sobre o que é a comunicação escrita: basicamente, há um escritor, seus leitores ou leitor, um meio pelo qual se comunica, . o espaço textual., o momento da escrita e o momento em que o texto é lido; e há um objetivo pelo qual se escreve, inevitavelmente ligado a uma

intenção, seja ela a de simples comunicação ou registro, ou também, mais complexa, de persuasão.

Por outro lado, de acordo com Marmaridou (2000), quando um dêitico é pronunciado, há a ativação de um domínio estruturado pelo MCI da dêixis, ou seja, ao ler ou ouvir um dêitico, o interlocutor acessa a maneira como entendemos conceptualmente tal fenômeno, o que envolve as noções de falante, ouvinte, tempo e espaço. Segue abaixo o esquema do MCI da dêixis:

MCI da dêixis
Ato de apontar
Falante
Ouvinte
Cenário comunicativo
Momento da comunicação

De acordo com Scamparini & Ferrari, para que um dêitico polissêmico seja interpretado, é preciso que haja informação contextual, pois até que um dado contextual apareça, o significado dos dêiticos será aquele prototípico. Desta forma, o uso do “nós” ativa o entendimento dêitico prototípico, ou seja, destaca o falante em meio a um grupo em que ele e o ouvinte estão incluídos. O MCI dêitico fica então disponibilizado e no que diz respeito à interpretação da ocorrência dialógica do pronome “nós”, a informação lexical ativa o conhecimento sobre o que é e do que se trata a comunicação escrita (o MCI da escrita).

Os dois MCIs possuem dados de pessoas, lugar e de tempo, o que deixa claro que uma analogia entre os dois domínios pode ocorrer e ser organizada em um esquema genérico. Realizada a analogia entre os elementos dos inputs, esses elementos são

projetados como contrapartes permitindo a aparecimento da mescla e sua estrutura emergente. Vejamos o esquema proposto.

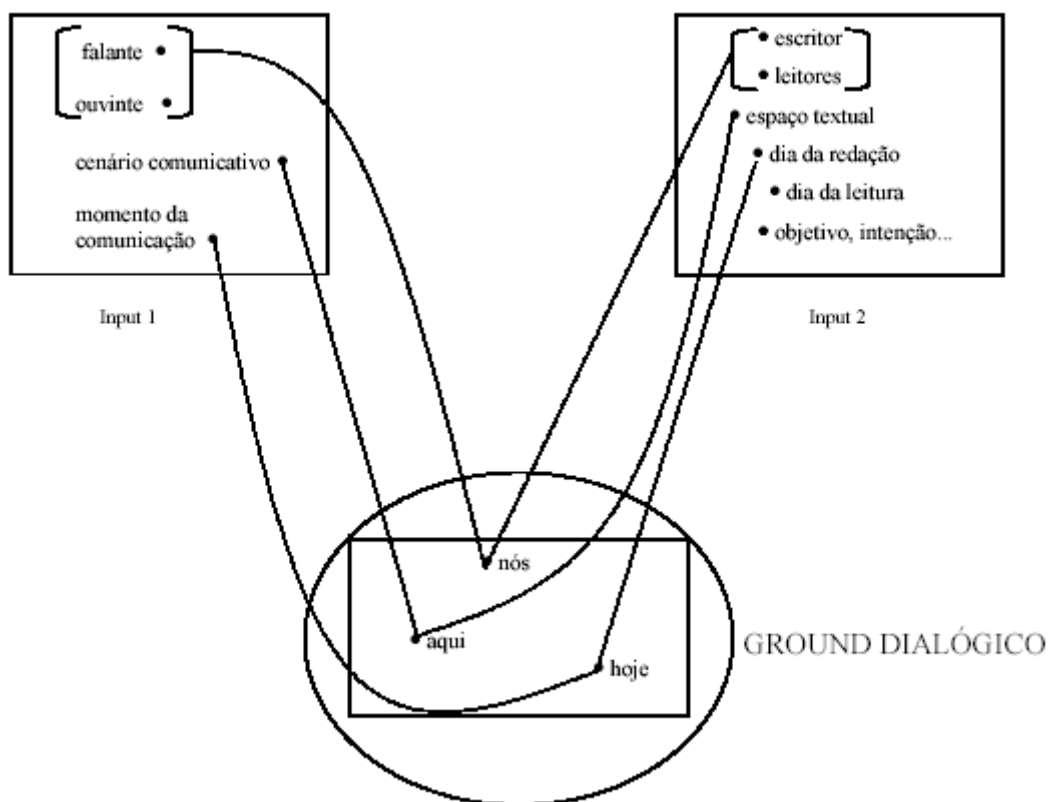


Fig. 14

A partir da mescla, é possível recuperar o pronome “nós” como “escritor + leitor”, “aqui” como espaço textual de comunicação e “hoje” como “dia da redação + dia da leitura”.

O domínio político também foi identificado pelas autoras a partir de um grupo de sentenças que levaram ao estabelecimento de um MCI político. Vejamos um dos exemplos analisados:

- (23) Imprevidente que sou, me excedi, gastei todo o espaço e não cheguei nem a roçar no oceano de felicidade em que **vamos mergulhar**, já a partir do próximo sábado. Quantos empregos foram criados? Perdi a conta. Quantos serão? Também já perdi. É, **não vamos perder tempo** com essas ninharias, **vamos é aproveitar** tudo isso que o governo já **nos** deu, abandonar a preguiça, fazer a **nostra** parte e deixá-lo em paz para cuidar da reeleição.

Como o autor, neste caso, estava tratando de problemas que existem e são conhecidos por todos no Brasil: impunidade criminal aos poderosos, desemprego e desesperança, identificou-se o MCI “*da crise brasileira atual*”:

MCI da crise brasileira atual
Falta de segurança / violência
Impunidade criminal
Corrupção
Tráfico de drogas
Incompetência governamental
Impostos altos
Desemprego
Fome

As características deste MCI também permitiram uma analogia entre o domínio político e o MCI da dêixis e, assim, de modo análogo ao processo de construção descrito anteriormente, há a formação do esquema genérico e, dadas as contrapartes e a analogia, ocorre o processo de mesclagem dando origem à estrutura emergente nomeada domínio político.

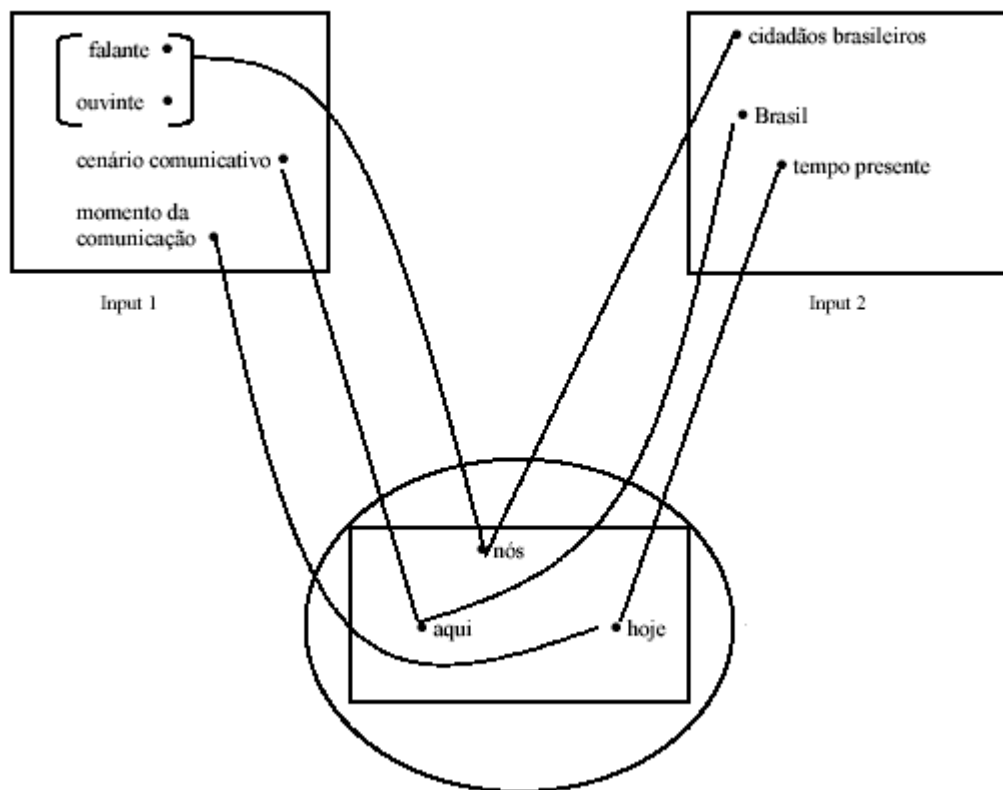


Fig. 15

Nesse domínio, “nós” refere-se aos cidadãos brasileiros (incluindo o escritor), “aqui” aponta para o “Brasil” e “hoje” indica o “tempo presente”.

Por fim, as autoras identificaram a existência de um domínio genérico. Segundo elas, o significado genérico de “nós” tem uso recorrente entre os nativos da língua portuguesa. Vejamos um dos exemplos analisados por:

- (24) Toinho é, que eu saiba, o autor da metáfora da catraca, alusão ao inevitável transcurso de todos **nós** desta para melhor.

Segundo as autoras, o nós genérico está ancorado em um domínio dêiticamente incompleto se for comparado aos casos dialógico e político, e é alimentado por um MCI complexo que inclui considerações sobre todos os assuntos que dizem respeito aos representantes da espécie humana como um todo. Embora haja uma distinção com relação aos outros domínios, o processo de construção do “nós” genérico se desenvolve da mesma maneira que os anteriores. Sendo assim, a menção do dêitico ativa o MCI relacionado à informação frasal. Observemos a seguir o processo de mesclagem conceptual:

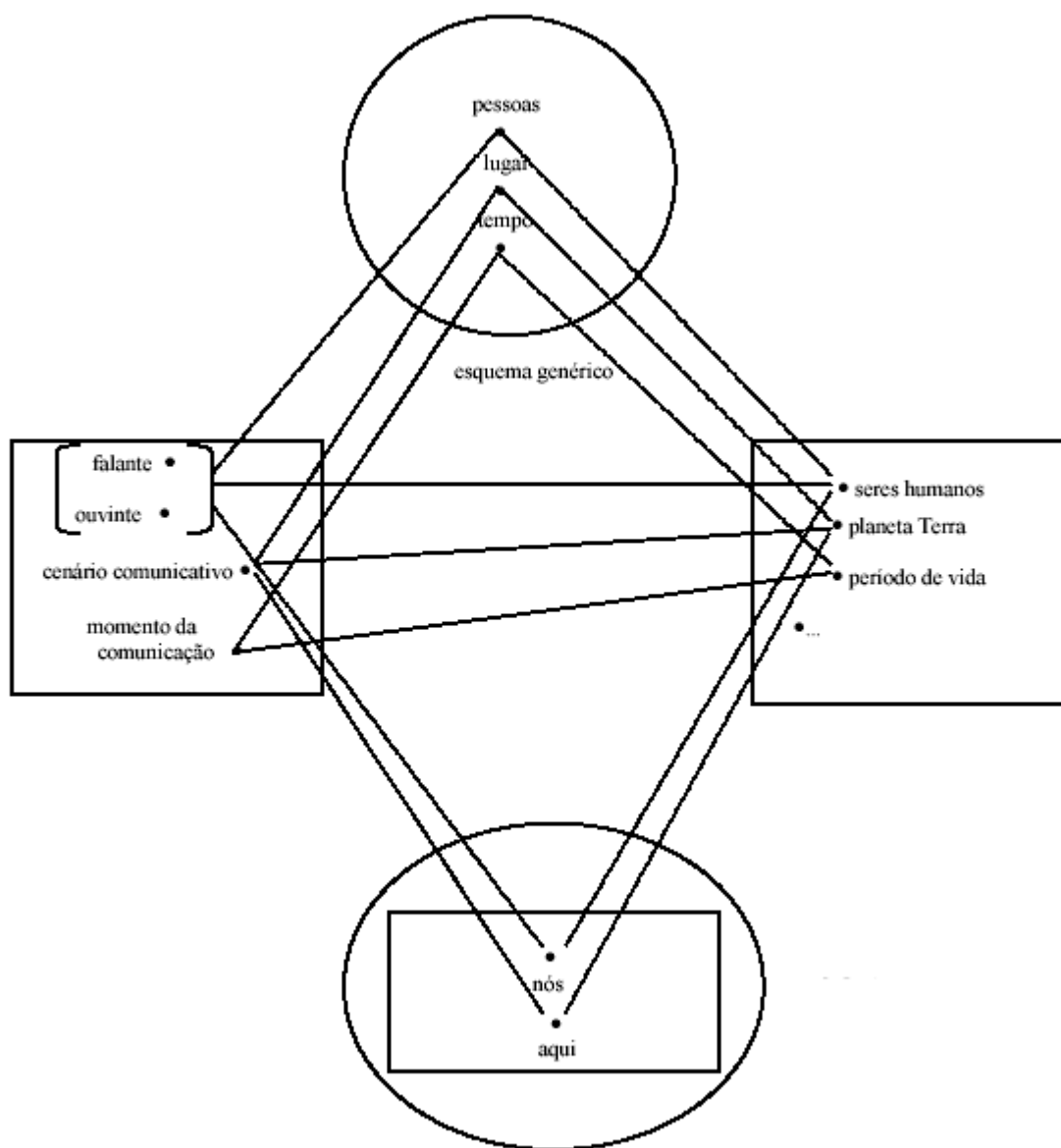


Fig. 16

O esquema acima demonstra que “nós” refere-se a “seres humanos” (incluindo escritor e leitor) e “aqui” indica o “período de vida” médio dos seres humanos.

O artigo foi de suma importância para a elucidação da polissemia dos dêiticos de primeira pessoa que serão analisados no próximo capítulo

CAPÍTULO 3

Metodologia

Os sermões ministrados pelo pastor protestante Neil Barreto, armazenados no endereço eletrônico www.ibbetania.com e ministrados nos anos de 2006, 2007, e 2008 serviram como fonte de dados para esta pesquisa. No total, foram analisados 22 sermões, perfazendo aproximadamente 35 horas. Foram colhidos fragmentos em que havia usos não-prototípicos de pronomes pessoais e possessivos de primeira pessoa do singular .

A escolha da fonte de dados justifica-se pela grande quantidade de dêiticos polissêmicos proferidos pelo pastor, bem como pela possibilidade de se analisarem tais expressões em um enquadre comunicativo específico marcado pela relação entre o pastor e seus fiéis.

Os objetivos da análise foram os seguintes:

- (i) identificar estruturas linguísticas e os contextos discursivos que sinalizam processos projetivos de construção do significado não-prototípico dos dêiticos de primeira pessoa do singular.
- (ii) verificar as operações cognitivas subjacentes aos usos não-prototípicos dos dêiticos.
- (iii) verificar a relação entre o uso de dêiticos não-prototípicos e a construção do significado pretendido pelo locutor dos sermões.

Foram identificados diferentes contextos de ocorrência dos dêiticos sob investigação, inseridos em macro-estruturas discursivas (narrativas e dialógicas), a partir de construções gramaticais simples (orações independentes) e complexas (construções causais e condicionais).

Seguem abaixo fragmentos proferidos pelo pastor que ilustram a ocorrência de dêiticos não-prototípicos em sentenças que compõem estruturas narrativas e dialógicas, respectivamente:

(25) “A liberdade nos livra da tentação diabólica de controlar o comportamento dos outros. Porque nós achamos que somos livres e que somos santarrões, aí nós vemos ali o Henrique, o Henrique ta usando ali aquela roupa, aquela roupa assim e aí **eu** fico incomodado com a roupa do Henrique. Não fica legal aquele cara com aquela calça daquela cor. Meu Deus, calça vermelha pra um homem...aí **eu** não **me** contenho e vou falar com o Henrique. A irmã tá com a saia lá em cima do joelho e **eu** não **me** contento, e **eu** tenho que falar e **eu** tenho que **me** meter na vida dos outros.

(26) Por quê? Porque o outro, que imaginamos nós ser livre também, ta fazendo com a liberdade dele algo que não deveria. Ele ta fazendo besteira com a liberdade dele. E aí **eu** fico incomodado com a liberdade dele, e **eu** não consigo, e **eu** me meto na vida dele. Sabe por que **eu** **me** meto na vida do outro? Porque **eu** não sou livre. Porque quem é livre, é livre até da tentação de se meter quando o outro que é livre, faz da liberdade dele o que não deve. De modo que se você irmãozinho, é aquele que não consegue

deixar de se meter na vida de alguém, ah é porque namora assim, é porque ta com a roupa assim, é porque não devia fazer assim, ah não pode fazer isso pastor, mas ah pastor, olha pastor. Fica quieto irmão..para de se meter na vida de todo mundo porque acha que é melhor que todo mundo. O escravo aqui é você que não consegue suportar o que os outros fazem com a liberdade dele.”

- (27) “ah **eu** não acredito em inferno! você não precisa acreditar. Mas em não acreditando, acredite, você vai pra lá. Da mesma forma que existe o céu, existe o inferno(...) ah, mas agora, **eu** quero dizer que Deus não seria injusto de **me** lançar no inferno. Mas só que Deus não lança ninguém no inferno, até porque o inferno não foi criado para a gente. Então o inferno não foi preparado pra você! Amém ou não amém? Diga assim: Eu e o inferno, não temos nada a ver!.”

A abordagem cognitiva possibilita a análise desses contextos, mas dadas as características do corpus, enfocaremos neste trabalho os dêiticos não-prototípicos de primeira pessoa contidos em estruturas discursivas dialógicas, como no exemplo (27) acima e no exemplo (28) a seguir:

- (28) “A gente canta quero te conhecer, mas Deus canta lá de cima: queira se conhecer mais e mais. porque só quando **eu** me conheço, eu sei até o quanto de Deus **eu** posso conhecer. aí eu vejo aquele homem ungidão e meu Deus eu quero ser igual aquele homem lá, **eu** quero ser como ele é, **eu** quero fazer o que ele faz, eu quero ser santo como ele é e Deus está dizendo filho, filho, ops, epa, corta isso da sua vida porque você

nunca vai ser o que ele é. Peraê pastor, o senhor tá dizendo que **eu** sou menor? não! você vai poder mais do que ele!”

A opção pela análise dos dêiticos em estruturas dialógicas deve-se à produtividade do fenômeno no corpus analisado, bem como à ocorrência do processo de mesclagem nesses contextos.

O afastamento da prototipicidade desses dêiticos acontece pelo fato do pastor utilizar as formas de primeira pessoa com o intuito de se aproximar cognitivamente dos fiéis, como será detalhado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

Análise dos Dados

“Leite em pó com água mistura
E faz leite de beber
Pó de café com água mistura
E faz café de tomar
Leite de beber com café de tomar
NÃO MISTURA, MESCLA.
Vemos no café com leite
que ali tem café
que ali tem leite
mas ele é outra coisa agora
nasceu o terceiro: o café com leite
que por ser MESCLADO é de MÉDIA chamado.”

Maurício da Silva in <http://markturner.org>

Os diversos tipos de operações mentais que a mente é capaz de realizar, ativadas pelas palavras, foram expostas no capítulo 1 e são de extrema importância para a análise dos dados. Foi possível observar que algumas expressões servem de introdutores de espaços mentais e um espaço importante introduzido por um grande número de formas dêiticas é o espaço base, ou seja, o espaço mental da realidade atual, do “aqui e agora”.

É muito comum que esse espaço seja construído na fala. Logo, em uma sentença como “Eu me chamo Jéssica”, as palavras referenciam as pessoas e os objetos no espaço da situação comunicativa e é desse espaço mental primário, também chamado de espaço base, que os outros espaços derivam.

No caso de um diálogo real entre pastor e fiel, as seguintes representações seriam ativadas:

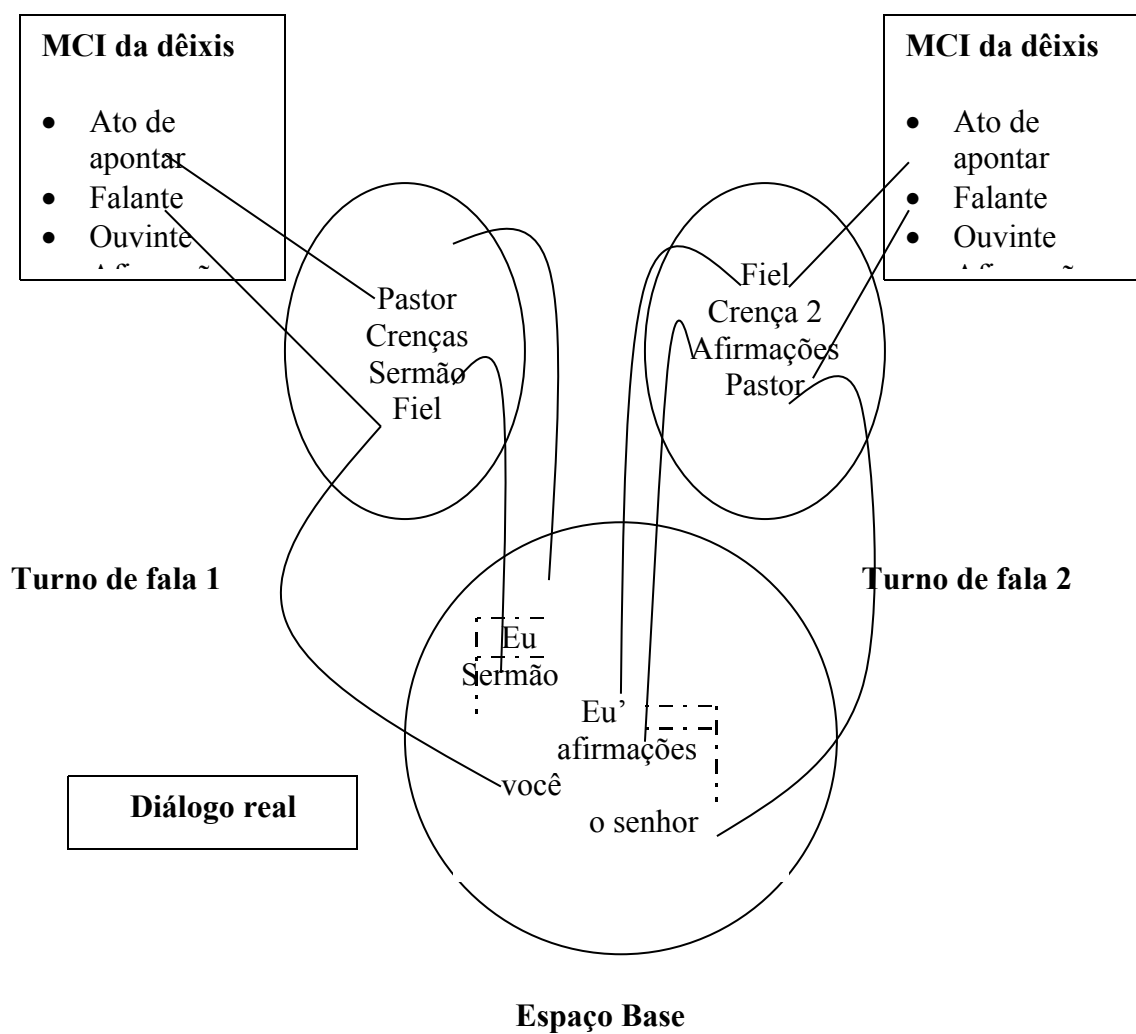


Fig. 17

Na figura acima, acham-se representados dois momentos de um diálogo real entre pastor e fiel. No turno de fala 1, o falante é o pastor, que aponta para si mesmo usando o pronome “eu” e para o fiel com o dêitico de 2ª pessoa “você”. No turno de fala 2, o fiel responde, auto-indicando-se com o uso do pronome de primeira pessoa (eu’), e dirigindo-se ao pastor através do dêitico sociopessoal “o senhor”. O espaço base abriga, portanto, um diálogo real.

O que os sermões analisados nesta pesquisa demonstram, entretanto, é que, os dêiticos que deveriam criar um espaço de referência na base, às vezes não assumem seu sentido prototípico. Esse comportamento teria tudo para causar ambiguidade e confusão, mas não é o que ocorre graças ao grande poder da mente em criar novos espaços mentais e identificar que determinado vocábulo pode estar sinalizando complexas operações cognitivas.

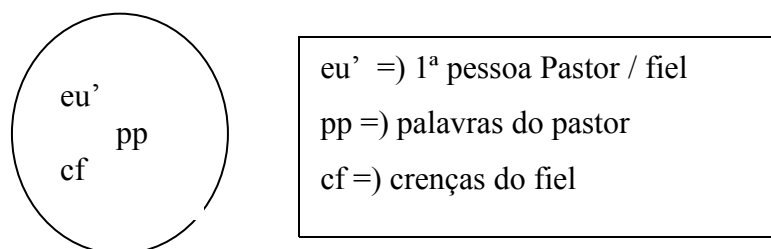
Observemos a seguinte fala do pastor, em que um diálogo imaginário com os fiéis é estabelecido:

(29)

- “...**Eu** sou membro da igreja batista betânia.
- É mesmo? Tem um monte de safado aqui nesta igreja, você nem imagina...e você pode ser um deles.
- O pastor não pode falar assim não, eu não gosto quando ele fala assim não porque me ofende.
- Se você não é, é só não colocar a carapuça.”

Nesse fragmento do sermão, existe um claro diálogo virtual entre o pastor e o fiel. O próprio pastor assume a perspectiva de membro da igreja batista betânea, sendo que os fiéis são os membros da igreja. A seguir, assumindo sua própria perspectiva, afirma que dentre os fiéis existem os “safados”. Na sentença “O pastor não pode falar assim não, eu não gosto quando ele fala assim não porque me ofende”, o pastor novamente altera sua perspectiva proferindo o que fiéis gostariam de responder naquele momento e estão impossibilitados de fazer, já que só o preletor detêm a palavra no momento do sermão. À medida que o discurso se desenvolve, espaços mentais vão sendo abertos motivados por pistas lingüísticas, contexto e também pela prosódia². Segue abaixo um esquema da abertura dos espaços no exemplo (29), sendo F (fiel) e P (pastor):

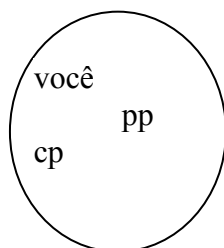
P/F: Eu sou membro da igreja batista betânea...



No primeiro espaço, o dêitico “eu” de “eu sou membro da igreja batista betânea” não codifica prototipicamente a primeira pessoa do discurso. Esse “eu” é uma mescla de pastor e fiel, levando-se em consideração que a fala é do pastor, mas as crenças são as dos fiéis, segundo a visão do pastor.

² Neste trabalho, não foi analisada a relevância da prosódia para a construção dos espaços mentais e da mesclagem. Este fator será levado em conta em trabalhos futuros.

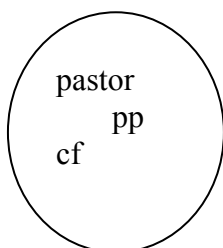
P: É mesmo? Tem um monte de safado aqui nesta igreja, você nem imagina, e você pode ser um deles...



você => 2ª pessoa - fiel
pp => palavras do pastor
cp => crenças do pastor

Já no segundo espaço, “você” sinaliza uma troca de turno, pois neste caso o pastor utiliza o que seria o dêitico “adequado”, já que para se dirigir ao fiel, o dêitico prototípico é o de segunda pessoa e não o de primeira. Neste espaço, tanto as palavras como as crenças pertencem ao pastor.

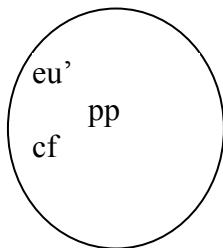
P/F: O pastor não pode falar assim não



pastor => 3ª pessoa Pastor (indicando 2ª p. “você”)
pp => palavras do pastor
cf => crenças do fiel

No terceiro espaço, o pastor assume novamente a perspectiva do fiel e fala o que o fiel gostaria de expressar; por essa razão há nesse espaço as crenças do fiel. É interessante observar o vocábulo “pastor” (referência em terceira pessoa do singular) sendo empregado como um dêitico de segunda pessoa, situando o falante em um meio social e determinando o papel social do falante de acordo com o evento discursivo. Esse é mais um indício do que afirmou Marmaridou: a dêixis pessoal e social não devem ser tratadas separadamente.

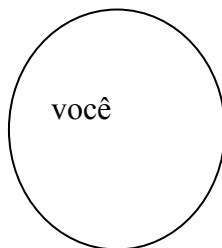
P/F: Eu não gosto quando ele fala assim



eu' => 1ª pessoa Pastor / fiel
pp => palavras do pastor
cf => crenças do fiel

Os mesmos elementos contidos no primeiro espaço se repetem neste quarto espaço, em que o pastor emite novamente um dêitico de primeira pessoa do singular não prototípico.

P: Se você não é, é só não colocar a carapuça



Você => 2ª pessoa – fiel

No último espaço, o dêitico “você” referencia prototipicamente o fiel e o pastor realiza sua fala com suas próprias crenças e perspectivas.

Os esquemas acima mostram a estrutura dos espaços mentais que são criados enquanto o discurso do pastor se desenvolve.

No fragmento a seguir, há a mesma estrutura dialógica do exemplo precedente:

(29) “...E aí a gente vai testemunhando o quanto Deus fez na nossa vida porque **eu** era um assassino, um maconheiro, **eu** matava, **eu** roubava e agora e agora **eu** não mato,

não roubo, **eu** não faço mais nada disso. E a gente diz: Caramba! Esse cara foi transformado! Ele não faz mais nada do que ele fazia. Legal. E você faz o que agora? O que o crente não faz a gente sabe. O que o crente faz? Ah...**eu** vou pra igreja todo domingo pastor. De vez em quando **eu** canto lá uma musiquinha, **eu** canto no coral. **Eu** sou regente do coro pastor. É mermo? Sou. Ta vendo aquelas caixas lá em cima pastor? Fui **eu** que botei ali. Eu cuido do estacionamento da igreja pastor. É? **Eu** sou o pastor da igreja. É isso que você faz? Então tudo o que você faz tem a ver com a igreja. Tudo o que você faz é lá dentro. É e o que mais você quer que **eu** faça? E o cara ainda fala que é um excelente crente. Aí Deus ta falando assim ó, a tua conversão foi pela metade. Então a conversão ela não é só de um lado, unilateral, ela é de inserção. “

Analisemos mais especificamente este pequeno diálogo:

(**pastor**) O que o crente não faz a gente sabe. O que o crente faz?

(**fiel**) Ah...**eu** vou pra igreja todo domingo pastor. De vez em quando **eu** canto lá uma musiquinha, **eu** canto no coral. **Eu** sou regente do coro pastor.

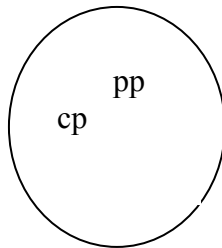
(**pastor**) É mermo?

(**fiel**) Sou.

Há claramente aqui estabelecido um dialogo virtual entre o pastor e o fiel nos mesmos moldes do exemplo anterior. O pastor faz perguntas ao fiel e responde de acordo com o que ele acredita ser a crença do fiel. Segue abaixo o esquema com os espaços

O “eu” é a mescla do pastor e fiel, pois a fala é do pastor, porém as crenças são do fiel. O vocábulo “pastor” é usado, por sua vez, como um vocativo. (simulando a forma como o fiel se dirigiria ao pastor)

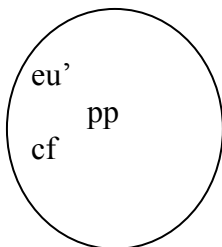
Pastor: É mermo?



pp => palavras do pastor
cp => crenças do pastor

Neste fragmento do diálogo, o pastor questiona as afirmações do “fiel”.

Fiel: sou.



eu' => 1ª pessoa Pastor / fiel
pp => palavras do pastor
cf => crenças do fiel

O fiel / pastor mesclado responde ao questionamento do pastor prototípico.

Nos fragmentos analisados acima, o que foi representado passo a passo pode ser integrado em um processo de mesclagem conceitual. Quando o pastor emite as estruturas dialógicas, dois espaços são abertos: o espaço do pastor, com suas crenças e o sermão, e o espaço do fiel, com suas crenças e afirmações.

Assim como no exemplo de Fauconnier intitulado “Debate com Kant”, como visto no capítulo 1 (seção 1.2.4), no corpus analisado é possível ver os sermões sob o formato de estrutura dialógica, em que o falante, forjando uma atividade interativa, institui-se ao

mesmo tempo como falante e ouvinte. Para ilustrar o processo de mesclagem, observemos mais um exemplo de estrutura dialógica:

(30)

- “ah **eu** não acredito em inferno!
- você não precisa acreditar. Mas em não acreditando, acredite, você vai pra lá. Da mesma forma que existe o céu, existe o inferno. (...)
- Ah, mas agora, **eu** quero dizer que Deus não seria injusto de **me** lançar no inferno.
- Mas só que Deus não lança ninguém no inferno, até porque o inferno não foi criado para a gente. Então o inferno não foi preparado pra você! Amém ou não amém? Diga assim: Eu e o inferno, não temos nada a ver!”

As ocorrências dos pronomes dêiticos de primeira pessoa do singular neste fragmento não são prototípicas da categoria. O próprio pastor, que profere um discurso cristão e tenta persuadir os fiéis da existência do inferno neste sermão, profere: “eu não acredito em inferno”. Esse “eu” não codifica o falante e sim o próprio ouvinte, o que fica claro na frase seguinte: “você não precisa acreditar”. O falante alterna utilizações de pronomes de primeira e segunda pessoa para se dirigir aos fiéis, o que evidencia o uso não-prototípico dos dêiticos de primeira pessoa pautados em operações cognitivas.

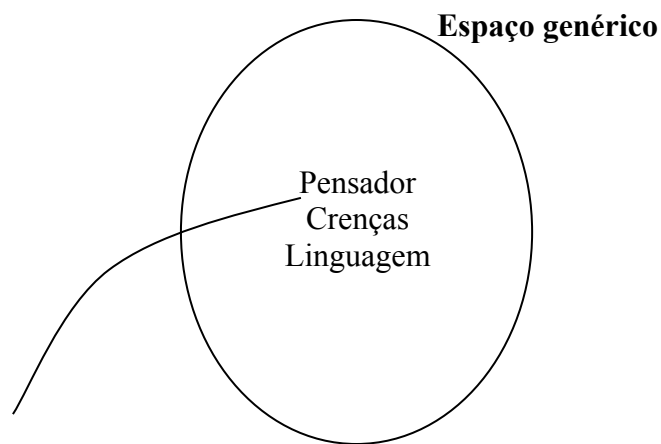
Assim como em “Debate com Kant”, no fragmento acima, há uma mesclagem conceptual que pode ser descrita da seguinte forma:

- No primeiro input temos o pastor fazendo asserções e expressando suas opiniões

- ▶ No segundo input separado, mas relacionado, temos o fiel com seus pensamentos
- ▶ A partir dos dois espaços input um espaço genérico é construído.
- ▶ No quarto espaço, que é o da mescla, encontramos ambos, o pastor e o fiel, vindos dos input 1 e 2 respectivamente, e na estrutura emergente, o frame adicional de debate é recrutado, enquadrando o pastor e o fiel engajados em um debate.

Lembremos que a mesclagem conceptual consiste em uma operação cognitiva que integra estruturas parciais de no mínimo dois domínios distintos em uma única estrutura, localizada no terceiro domínio. Esses inputs distintos são projetados de acordo com os MCIs ativados que serão essenciais para a criação do novo domínio, onde se reorganizam as categorias.

Vejamos agora a esquematização da mesclagem conceptual contida no discurso criativo do pastor que projeta um pseudo-diálogo:



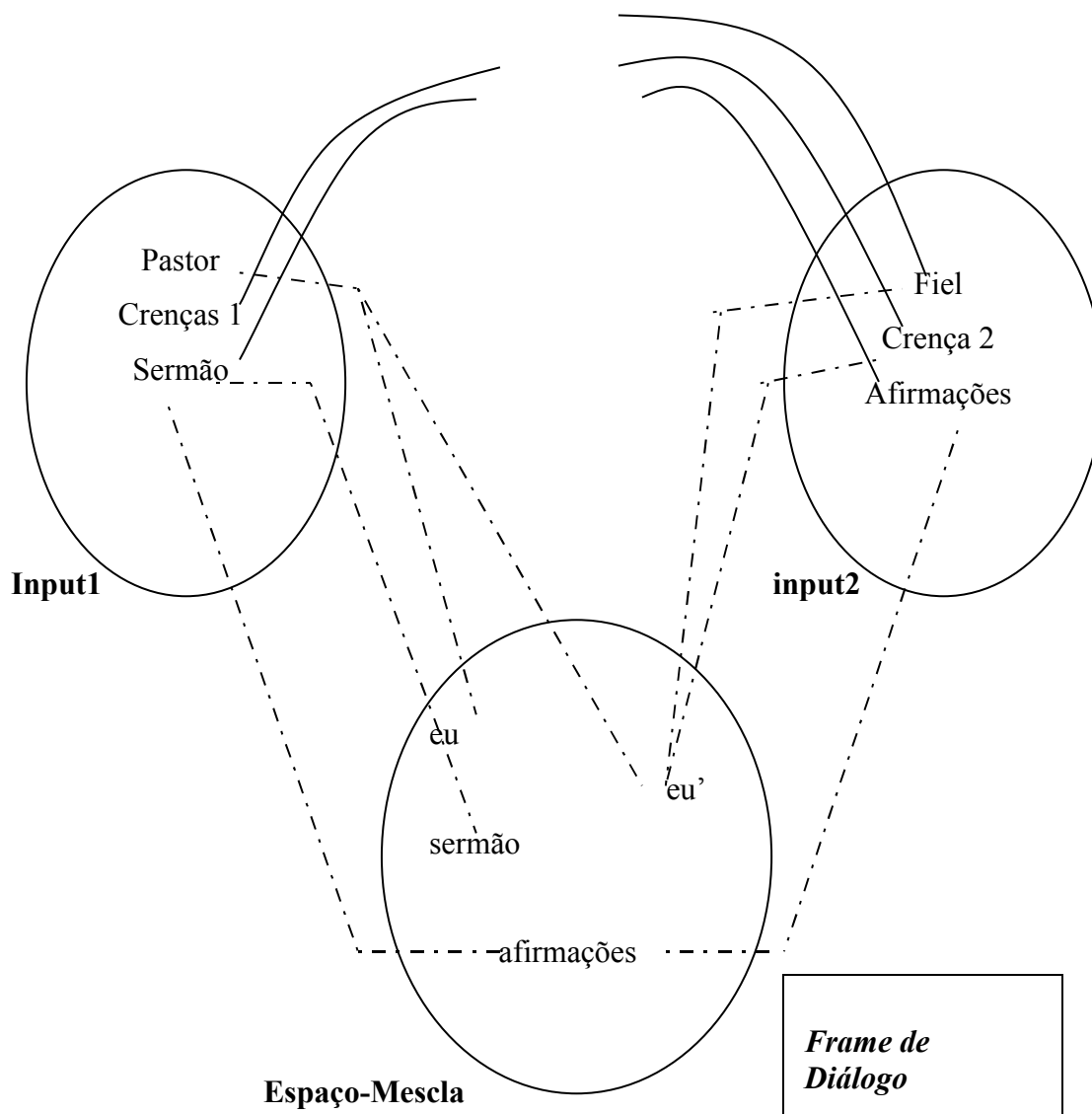


Fig. 19

O diagrama acima, que ilustra a mesclagem conceitual, demonstra as operações cognitivas realizadas pelo pastor para que ele construa a estrutura dialógica: de um lado, o pastor mescla ele mesmo, o fiel e suas crenças e também o seu discurso com as afirmações

do fiel; e de outro lado projeta-se a partir do MCI prototípico da dêixis (falante = eu, ouvinte = você)..

O “frame” de debate aparece na mescla através de completamento, já que sua estrutura advém da composição de elementos projetados dos dois inputs. O pastor, que é o falante, projeta-se como “eu”, ou seja, como o próprio pastor. O pastor assumindo as crenças do fiel, projeta-se como “ eu’ ” que diferentemente do primeiro “eu” que é prototípico, é não-prototípico, pois não referencia a primeira pessoa do discurso. O sermão do próprio pastor é projetado no espaço mescla, assim como as afirmações do fiel e as palavras do pastor que são apresentados como “afirmações” no espaço mescla. Essas afirmações são proferidas pelo pastor a partir do que ele acredita ser a crença dos fiéis.

As operações que analisamos aqui dizem respeito ao que acontece nos bastidores da cognição, ou seja, dos processos ocorridos na mente que não se pode ouvir ou ver. Por detrás de frases corriqueiras e simples, encontramos construções mentais complexas, como as que são analisadas neste trabalho. A teoria dos espaços mentais e a noção de *blending* mostram um pouco do que acontece nos bastidores, quando o indivíduo fala ou pensa. Fica evidente, através das estruturas dialógicas observadas no discurso do pastor, que estruturas discursivas mescladas constituem contexto altamente propício para o surgimento de dêiticos não-prototípicos.

CAPÍTULO 4

Conclusão

Com relação à dêixis, Marmaridou (2000) elucidou que a abordagem tradicional não dá conta do fenômeno, pois não leva em consideração os usos dos dêíticos que se afastam da prototipicidade, como os vistos neste trabalho. De fato, seguindo Marmaridou, foi constatado que os dêíticos não-prototípicos proferidos pelo pastor eram caracterizados por um afastamento do MCI prototípico da dêixis, constituído de um falante, um ou mais ouvintes e o ato de apontar. Tendo em vista que este MCI é organizado em termos de categoria radial, pode-se concluir que o “eu” de primeira pessoa do singular não-prototípico está mais afastado do núcleo categorial, o que não o faz menos dêítico e sim menos prototípico.

É interessante notar que embora tenha analisado diversos casos de polissemia dos dêíticos em inglês (2000:107), Marmaridou afirmou que o pronome pessoal de primeira pessoa do singular “eu”, que codifica o falante, só pode ser empregado no seu sentido prototípico. Entretanto, constatamos neste trabalho que também o dêítico de primeira pessoa do singular pode apontar para outras pessoas do discurso.

Após minuciosa observação e análise dos dados, identificamos estruturas discursivas dialógicas na fala de um pastor protestante em que constatamos um diálogo virtual entre pastor e fiel. Nesse diálogo virtual, observou-se que a polissemia do dêítico de primeira pessoa do singular acontece a partir de um processo de mesclagem conceptual entre domínios. Esses domínios são dinâmicos, porém estruturados por domínios mais estáveis, os MCIs. O “eu” não-prototípico se realiza graças a uma projeção entre esses dois domínios iniciais: o input 1 (pastor) e o input 2 (fiel). A partir da projeção entre esses domínios é formada uma analogia que é estruturada e organizada no espaço genérico. No espaço mescla os inputs são parcialmente projetados. Alguns elementos são fundidos em

um só na mescla e outros são projetados separadamente: O eu não prototípico é a fusão do fiel (input 2), pastor (input 1) e das crenças do fiel (input 2); as afirmações consistem na fusão do sermão e das afirmações do fiel. Além disso, são projetados também o “eu” prototípico do pastor e o próprio sermão do pastor. Todos esses elementos da mescla encontram uma situação compatível com o frame de debate e, sendo assim, um debate virtual é estabelecido.

Sendo assim, acreditamos que os resultados da presente pesquisa podem contribuir para a análise dos dêiticos não-prototípicos em outras línguas, na medida em que confirmam a premissa cognitivista de que a mente humana está sempre pronta a “reenquadrar” palavras e significados a partir de operações cognitivas complexas que não estão visíveis a olho nu. Mais especificamente, a mesclagem conceptual demonstrou ser um forte indício do poder de criação da mente humana, apontando para novas perspectivas de integração entre pragmática e cognição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Neil Teixeira. In www.ibbetania.com
- Coulson, S. & Oakley, T. (2000). Blending Basics. *Cognitive Linguistics* 11-3/4
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge University Press, 1997.
- _____. *Espaces Mentaux*. Les éditions de Minuit. Paris, 1984.
- FAUCONNIER, G. e Sweetser, E. *Spaces, Worlds and Grammar*. Chicago: Chicago University Press, 1996.
- FERRARI, Lilian Vieira. 1999. Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais na interação conversacional. In *Veredas* 4: 115-128.
- FILLMORE, C.J. 1971. Towards a theory of deixis. *The PCCLLU Papers*. Department of Linguistics, University of Hawaii.
- _____. 1975. Santa Cruz Lectures on Deixis. Mimeo, Indiana University Linguistics Club.
- GRUNDY, Peter e JIANG, Yan. 1998. Cognitive Semantics and Deictic Reference. In *Working Papers in Chinese and Bilingual Studies* 1, 85-103 Hong Kong: The Hong Kong Polytechnic University.
- GOLDBERG, Adele (1995): *Constructions. A Construction Grammar Approach to Argument Structure*, Chicago: The University of Chicago Press.
- LAKOFF, George. e JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. University of Chicago Press. 2003 edition contains an 'Afterword'
- LAKOFF, George. 1987. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press.
- LEVINSON, S.C. 2004. Deixis and pragmatics. *The Handbook of Pragmatics*, Oxford: Blackwell.

- _____. 1994. Deixis. In R.E. Asher (ed.) *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, vol. 2: 853-857. Oxford: Pergamon Press.
- _____. 1983. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LYONS, John. 1975. Deixis as the source of reference. In *Formal semantics of natural language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 1977. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MANDELBLIT, N. 2000. The grammatical marking of conceptual integration: From syntax to morphology. *Cognitive Linguistics* 11:197-251.
- MARMARIDOU, Sophia. 2000. On Deixis. In *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- MIRANDA, Neusa Salim. 1999. Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. In *Veredas* 4: 81-95.
- ROCHA, L.F.M. A fala silenciosa reportada: Metáfora, metonímia e mesclagem. In: *Revista Lingüística*, vol. 2 n.1, 2006.
- SALOMÃO, Maria Margarida M. 1999. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. In *Veredas* 4: 61-79.
- SAUSSURE, F. de , *Cours de linguistique générale*, Payot, coll. Payothèque, 1972
- SCAMPARINI, J. *A Interpretação Sociocognitiva dos Dêiticos no Discurso*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2006.
- SAMPARINI, J. e FERRARI, L. Mesclagem, Polissemia e Dêixis. In: *Revista Lingüística*, vol. 2 n.1, 2006.
- TEA, Alan J.H e LEE, Benny P.H. 2004. Reference and blending in a computer role-playing program. In *Journal of Pragmatics* 36: 1609-1633.

TOMASELLO, Michael. 2003. Origens culturais da aquisição do conhecimento humano.

São Paulo Martins Fontes.

TURNER, Mark. In www.markturner.org.

ANEXO

carência de Deus - 30/11/06

Eu sou membro da igreja batista betânia. É mesmo? Tem um monte de safado aqui nesta igreja, você nem imagina...e você pode ser um deles. O pastor não pode falar assim não, **eu** não gosto quando ele fala assim não porque me ofende. Se você não é, é só nao colocar a carapuça.

Este texto **me** ensina sabe o que irmão? Este texto **me** ensina que quem estará do lado direito, do lado esquerdo, serão aqueles que supriram ou deixaram de suprir as carências de Deus. O que este texto revela pra nós na verdade é a carência de Deus.

ah **eu** não acredito em inferno! você não precisa acreditar. Mas em não acreditando, acredite, você vai pra lá. Da mesma forma que existe o céu, existe o inferno.

ah, mas agora, **eu** quero dizer que Deus não seria injusto de **me** lançar no inferno. Mas só que Deus não lança ninguém no inferno, até porque o inferno não foi criado para a gente. Então o inferno não foi preparado pra você! Amém ou não amém? Diga assim: Eu e o inferno, nao temos nada a ver!.

Saber que as carências de Deus são diferentes das nossas, **me** fizeram muito bem. Porque **eu** tenho carências, você tem carências e **eu** e você sabemos que carências são essas e sabemos chama-las pelo nome.

Porque Deus sabe da **minha** carência, eu sei da **minha** carência. Deus sabe das **minhas** necessidades interiores aquelas que nao estão estampadas na **minha** face e nem nos **meus** olhos. Deus sabe, porque ele é o único que pode ler corações e pode perceber e diagnosticar algo. Deus sabe quando **eu** estou dentro do **meu** quarto sozinho, com a **minha** carência,

essa carência **me** devorando e devorando tudo de bom que Ele libera sobre a minha vida. Deus sabe. E quando é que Deus usa alguém para suprir a **minha** carência? quando é que Deus muda a minha sorte? quando é que Deus vai fazer que tudo o que ele conquistou na cruz de fato, chegue a **mim** de forma concreta? Quando é que isto se torna de forma concreta na **minha** vida? Quando **eu** estou dentro do meu quarto com a **minha** carência, mas essa carência não **me** torna egoísta ao ponto de **eu** não olhar a carência de muita gente que tá do **meu** lado e que muitas vezes é maior do que a **minha**. Ou você se põe de pé pra vencer essa mandita carência e dizer, olha, você tá me machucando, você tem me atrapalhado de viver muito. E quando você começar a servir, você vai ver que você vai estar suprimo carências de Deus

Eu não supro a carência dos outros porque **eu** sou egoísta. **eu** não supro porque ninguém supre a **minha**. A bíblia diz que não há nada que a gente jogue na vida que não volte para nós. Tudo que vai, volta.

(...)e porque a gente não abençoa a Deus abençoando nossos irmãos? porque **eu** sou egoísta, porque **eu** não gosto de ouvir, não gosto de compartilhar. Então deixa eu falar pra você...irmão, Deus tá vendo a tua dor. Não há uma lágrima que nossos olhos vertam e que Deus não saiba

Pra Deus quando você é fraco, aí sim você é forte, porque quando **eu** choro, **eu** estou tendo a oportunidade de alguém **me** abençoar e ser usado por Deus. E quando alguém chora diante de você, Deus está te dando o privilégio de você abençoar. aí você diz, o que eu vou falar? Não fala nada irmão! Cala a boca, senta do lado e diz: eu tô aqui. Cabou. Não precisa falar.

CARÊNCIA DE DEUS II –10/12/06

Nós aprendemos que mesmo nós..o que a maioria de nós, evangélicos pregamos, os salvos e os perdidos, os que serão honrados e os que serão castigados...isso não é determinado pela religião que **eu** professo. Jesus neste texto ta **me** dizendo o contrário. Ta **me** dizendo que o que determina o castigo e o que ta determinando a vida é a qualidade de serviço que **eu** prestei ao próximo. E nós aprendemos isso na semana passada.

Ele está falando da identificação com a tua carência, com a carência de todos nós. E as vezes a carência é tão profunda que a gente acha que Deus esqueceu de nós. Se Deus estivesse **me** vendo, eu não estaria nu agora, não estaria com carência de amparo. Se Deus de fato existisse e **me** amasse, **eu** não estaria me sentindo como um forasteiro, abandonado, sendo rejeitado. Se Deus de fato existisse e **me** amasse, **eu** não estaria doente com carências psicológicas e existenciais, com carências biológicas. Se Deus de fato existisse e **me** amasse **eu** não estaria com necessidade de liberdade porque eu to me sentindo preso. Essa é a carência de todo ser humano. E no desejo de suprir essas carências, nós temos visto irmãos, pessoas se anularem para receberem aceitação do grupo.

Isso que eu recebo aqui precisa ir comigo para casa e entrar no 383 de manhã, precisa entrar no famigerado 744, naquela Kombi barulhenta. Precisa entrar comigo no escritório, na fábrica, quando eu tiver que encarar o meu chefe de novo, aquele pústula que me persegue. Pra encarar aqueles clientes que acham que são deuses, pra encarar os sentimentos negativos que fungam o meu ser, minha mente e que não pedem licença, vão se

intrometendo na minha vida e vão produzindo palavras de maldição sobre mim mesmo e que vão adoecendo meu ser sem que eu perceba que o meu ser adoecendo está, e que as vezes só é percebido que doente está, depois que doente já está de fato. E aí o que eu recebi aqui na comunhão precisa estar comigo quando essas adversidades me acometerem. Agora o que a gente vê no povo de Deus é uma porção de gente surtada com problemas. Ah, não sei porque aconteceu. Aconteceu porque você está vivo irmão! Pastor, por que esse problema? meu irmão, é porque você tá vivo! Tem algum vivo aí?

APRENDENDO COM TOMÉ 21/12/06

Então a primeira coisa que **eu** aprendo, nunca é tarde para a benção chegar até mim. Deixa eu falar pra você, você não estava presente da outra vez amado? Você faltou? Você esteve ausente da comunhão? Mas hoje você está presente. Hoje você pode receber a tua benção em nome de Jesus.

SOLIDÃO: NÓS PODEMOS VENCE-LA 28/12/2006

Parece que a gente sai, pega o ônibus pra ir pro trabalho, bom esse dia pode ser o meu, quem sabe é hoje o dia que a vala me alcança. Quem sabe é hoje que o meu ônibus vai ser assaltado. Quem sabe...a gente vive assim negativamente e isso já o processo de adoecimento subjetivo.

Deus fez você pra ser feliz, Deus fez você pra acordar de manhã e dizer assim, glória a Deus, **eu** acordei mais uma vez. Aí o diabo diz, não você mora no Rio de Janeiro, não quero

saber, **eu** sei que o Rio ta entregue a satanás, mas a minha vida está entregue ao senhor e nenhum mal vai me alcançar em nome de Jesus. Isso é viver irmãos.

A REVELAÇÃO DE NÓS MESMOS II 06/05/07

alguns já vão sair impactados ao ouvir esta palavra. Então a partir de hoje **eu** vou tomar uma postura diferente da vida. então é isso que ele tá dizendo que a palavra é a semente que é semeada em todos os corações.

Quando a gente ora, a gente traz uma lista de pedidos. Deus guarda, Deus opera, Deus livra, Deus realiza. aí a gente tendo orado nos retiramos da presença dele dizendo, tá em boas mãos. só que na maioria dos crentes, deus nao cuida de tudo. a gente vira as costas, está em boas mãos, ele fez a promessa, ele não pode mentir, mil cairão ao meu lado, Deus mil a minha direita, em cristo **eu** sou mais do que vencedor, tudo posso naquele que me fortalece, tudo o que eu fizer prosperará e a gente vai nos jargões da vida, e a vitória é nossa e berebê barababa.

Existem algumas coisas que só acontecem conosco porque nós somos o que somos e não tem como acontecer com quem está do meu lado porque quem tá do meu lado não é como **eu** sou e existem algumas coisas que acontecem nele que nunca acontecerão comigo porque eu não sou o que ele é. aí essa parábola vem e nos revela quem nós somos.

ele entra em projetos porque diz, não **eu** vou, **eu** vou na fé, vou na força, e ele vai na fé, mas uma fé sem bom senso. aí ele começa projetos e projetos vão sendo acabados.

pra saber o que você pode e o que você não pode, você precisa se conhecer, porque por outro lado há aqueles que não fazem, ah, não posso isso, **eu** não vou conseguir aquilo, isso é demais pra mim! Não filho! É você que está se vendo errado. você tá com estima baixa. a gente canta quero te conhecer, mas Deus canta lá de cima: queira se conhecer mais e mais. porque só quando **eu** me conheço, eu sei até o quanto de Deus **eu** posso conhecer. aí eu vejo aquele homem ungido e meu Deus eu quero ser igual aquele homem lá, **eu** quero ser como ele é, **eu** quero fazer o que ele faz, eu quero ser santo como ele é e Deus está dizendo filho, filho, ops, epa, corta isso da sua vida porque você nunca vai ser o que ele é. Peraê pastor, o senhor tá dizendo que **eu** sou menor? não! você vai poder mais do que ele!

A DOR COMO EXPRESSÃO DO AMOR DE DEUS 06/05/07

vamos pensar um pouquinho juntos. **eu** saio de 70 anos de dor, **eu** saio de 70 anos de sofrimento **eu** saio de 70 de impossibilidade de ir e vir e aí quando **eu** saio do cativeiro tem um profeta do lado de fora dizendo assim ó, Deus amou você com amor eterno.

QUANDO MINHA GUERRA É CONTRA A ALMA – 20/05/07

Aí acontece com a nossa alma o que acontece com alguém que só descobre que tem câncer depois de três anos, como aquela mulher que descobriu um carocinho no seio, mas que fica protelando a ida ao médico, ah **eu** não vou lá não e se for câncer? Se tiver no início a gente mata o câncer.

Eu não **me** conformo com esse modo de vida que **eu** to vivendo, **eu** não posso **me** conformar em perceber que a **minha** alma tem perdido o fôlego. Eu não posso **me** conformar que a minha alma tem se apegado a coisas que não são de Deus em detrimento das coisas que de Deus são. Você ta lutando contra si mesmo, pra não morrer antes da morte chegar, como eu tenho pregado aqui muitas vezes.

Davi ta dizendo, **eu** não vou me entregar, **eu** não vou me entregar a este Davi que eu sou hoje, **eu** não vou me entregar a este Davi cuja alma não adora voluntariamente, **eu** não vou me entregar a este Davi que não é todo no Senhor, **eu** não vou me entregar a este tipo de Davi, porque eu sei que este Davi não sou **eu**, esse Davi não é o Davi que **eu** sou no coração de Deus. Isso é tremendo né irmãos.

Neste versículo Davi ta dizendo, **eu** preciso ser todo em ti, **eu** preciso bendizer ao senhor, **eu** preciso liberar louvores ao teu nome, **eu** preciso valorizar o teu nome! Bendiga ó minha alma ao Senhor! Ele continua, bendize ó minha alma e tudo o que há em mim bendiga teu santo nome. Aí esse segundo versículo falou muito ao meu coração.

Aí Davi ta dizendo assim, hoje **eu** não tenho que celebrar, hoje ta ruim pastor, hoje **eu** não to conseguindo, minha alma não flui, **eu** não to encontrando força, **eu** não to conseguindo pronunciar palavras que te adorem, **eu** não to conseguindo nem que o espírito de adoração me tome, **eu** não to conseguindo, **eu** não to conseguindo. Só que **eu** não me entrego a este estado de coisa, **eu** não vou me entregar a este câncer da minha alma. Ele diz, alma se você não consegue fazer voltar a mente lembra-te de todos os seus benefícios. E sabe o que ele faz? Ele começa então a lembrar, a escrever.

FAMÍLIA: MITOS E REALIDADES 27/05/07

Amanhã é dia de branco. Não sei porque mas é. Vamos trabalhar. Você entra no ônibus de manhã e vai mais tranquilo pra casa, mas agora na hora de voltar, você que sai do trabalho e vai pra faculdade, diz assim, senhor tu sabes que só a tua graça pra me fazer chegar lá.; Se for Feital então 75% de chances de ficar pelo caminho. Se for Feital tem que orar duas vezes. **Me** livra do homem mal e do enguiço desse ônibus. Não sei como aquela coisa ainda roda.

Você ta parado no sinal aí chega dois homens em cima de uma moto...aí não **me** leva não senhor, deixa pra outro dia, mantenha-**me** aqui. A gente anda assim surtado...medo.

Engraçado que esses pós modernos que dizem que o casamento é uma instituição falida, conhecem alguém e casam. **Eu** e a Andréa nos conhecemos e aí casamos, casamos e aí vivemos 3 meses juntos e nos separamos, porque assim mesmo não deu certo, aí **eu** separo né, o casamento é uma instituição falida, aí **eu** me separei de um casamento que faliu e aí tento ser feliz de novo. Como? Casando de novo! Ué, mas o casamento não era uma instituição falida? E você agora ta casando com outro. Aí ele casa 3, 4, 5 10 vezes..aí você vê que o discurso é uma coisa e a prática é outra.

Deus fez as coisas para serem usadas e as pessoas para serem amadas. Mas hoje em dia nós amamos as coisas e usamos as pessoas. Hoje **eu** não amo mais o próximo **eu** tenho medo do próximo. O sentimento pelo outro não e mais de amor, mas sim de medo. Ah pastor não devia ser assim. Eu concordo, mas o medo prevalece.

A minha família é o que **eu** tenho de mais importante! Na prática isto não passa de um discurso, um mito. Porque o que existem de filhos que não podem contar com seus pais é um absurdo.

A organização mundial de saúde diz que a solidão é a maior desencadeadora de depressão no homem contemporâneo e diz que a depressão será a doença, já é, que mais matará no século 21. Tira o coração, problemas coronários e o que mais mata é a depressão e a solidão é uma das maiores geradoras dela. E por incrível que pareça, os maiores índices de depressão estão entre pessoas casadas. Como pode? É porque a minha família é o que **eu** tenho de mais importante, **eu** falo da boca pra fora. Isso é mito porque a realidade é que o mais importante na vida do homem é ele mesmo.

A família foi o plano de Deus pra matar essa bendita solidão que mata os homens no tempo que se chama hoje. De modo que cuidar bem da **minha** família, dos meus filhos, estar presente, estar junto, conviver é questão não só de amor, mas de inteligência.

Olha, **eu** sou casado há 30 anos! Ohhh...e é feliz há quantos anos? Nunca fui pastor e ta aqui.

Po se **eu** não tivesse tanto filho, se essa mulher, se essa miserável da **minha** mulher não gastasse tanto, se **eu** fosse solteiro, com o salário que **eu** ganho, puxa vida, **eu** já tinha uma casa, um carro, um avião, um helicóptero. Mas não, **tenho** que sustentar essa corja. E aí você não sabe que ta lançando maldição sobre a tua vida. Porque esta corja é extensão de

você mesmo. Família é um projeto de Deus! Família é que o que **eu** tenho de mais precioso! Então cuida dela!

Nós queremos ter, não interessa o ser, nós queremos possuir pra ostentar, nós queremos que os outros tenham inveja de nós. Aí a gente compra um carro e paga em 72 meses. Você vai acabar de pagar o carro e o carro acabou antes de você terminar de pagar. Mas os teus vizinhos todos estão olhando pra você. Poxa, ele ta com grana alá..tá com carro zerinho. Deus sabe que você vendeu a alma, vai pagar até a volta de Jesus! Não tem problema, mas todo mundo ta vendo que **eu** to com carro zero.

DOM DA EXORTAÇÃO XII – 30/05/07

Jésus não ouve o que a gente ta dizendo, é o que este texto **me** ensina. Se me amardes, o que é que você faz? Guardareis os meus mandamentos

Eu acho que o céu vai ser um lugar de muita decepção. Você vai sair, Jesus volta daqui a pouquinho, aí na tua igreja, aqui, na minha igreja tem 2 mil pessoas, aí tu chega no céu e vai procurar logo a tua turma. Ah...**vou** procurar fulano, beltrano, tu vai rodar o céu inteirinho e não vai encontrar o cabra lá. Tu vai lá no anjo porteiro e vai falar assim, ô seu anjo, pó..tinha um brother lá em baixo chamado João das Couves da Silva, ele taí? Aí o anjo procura assim ó, e diz, ó não tem nenhum João das Couves da Silva aqui. Éeee..mermão. Mas como é que num ta aqui? Se não ta aqui, vai procurar lá em baixo, você já sabe onde ele ta. Porque só tem dois fins, num tem jeito. Ao passo que tem aquele cara que, você não gostava dele porque achava ele muito carnal e não ia com a cara dele. Aí

você tá passeando no céu e esbarra com o sujeito. Você? Você aqui não acredito! Por que? Porque a gente acha que basta dizer senhor, senhor que a gente entra no reino dos céus.

O sujeito acha que é livre, mas não é. A maioria dos crentes é assim. O cara acha que ele livre, então ele bebe, cheira, fuma, transa, joga. Ele é ..ele solta a franga porque ele é livre, aí ele cheira todas, transa com todas porque **eu** sou livre! E ele acha que nós que não bebemos, que não fumamos, que não cheiramos, que nós somos escravos. A idéia de liberdade do homem sem Deus é isso. Aí a gente fala assim: para de cheirar, para de fumar, para de beber ô seu mane! Pô..**eu** não consigo! Então quem é o escravo aqui? Eu ou você?

A liberdade nos livra da tentação diabólica de controlar o comportamento dos outros. Porque nós achamos que somos livres e que somos santarrões, aí nós vemos ali o Henrique, o Henrique tá usando ali aquela roupa, aquela roupa assim e aí **eu** fico incomodado com a roupa do Henrique. Não fica legal aquele cara com aquela calça daquela cor. Meu Deus, calça vermelha pra um homem...aí **eu** não **me** contenho e vou falar com o Henrique. A irmã tá com a saia lá em cima do joelho e **eu** não **me** contento, e **eu** tenho que falar e **eu** tenho que **me** meter na vida dos outros. Por que? Porque o outro, que imaginamos nós ser livre também, tá fazendo com a liberdade dele algo que não deveria. Ele tá fazendo besteira com a com a liberdade dele. E aí **eu** fico incomodado com a liberdade dele, e **eu** não consigo, e **eu** me meto na vida dele. Sabe por que **eu** **me** meto na vida do outro? Porque **eu** não sou livre. Porque quem é livre, é livre até da tentação de se meter quando o outro que é livre, faz da liberdade dele o que não deve. De modo que se você irmãozinho, é aquele que não consegue deixar de se meter na vida de alguém, ah é porque namora assim, é porque tá com a roupa assim, é porque não devia fazer assim, ah não pode fazer isso pastor, mas ah pastor, olha pastor. Fica quieto irmão..para de se meter na vida de todo mundo porque acha que é

melhor que todo mundo. O escravo aqui é você que não consegue suportar o que os outros fazem com a liberdade dele.

UM DEUS DIVORCIADO 10/06/07

Há quem diga que todo mundo tem um preço. Eu não acredito que todo mundo tem um preço. Há quem não se venda. E nesse dia do pastor eu queria te falar. As vezes quando o bicho pega na tua vida, você procura uma igreja você é daqueles que diz que não gosta de crente, não gosta de pastor, mas quando a corda aperta você vê um crente andando com a bíblia na mão e diz ora por mim lá na sua igreja. Ou então, **eu** preciso procurar uma igreja porque deve ter alguma urucubaca em cima de mim, fizeram alguma macumba, tem algum olho grande sobre mim. Aí a gente entra numa igreja, aí quem sabe o pastor presta pra alguma coisa.

E aí em função da idealização, muitas vezes a relação desta ovelha insatisfeita pela omissão, ou pela ação, contrária a vontade dele, ele já tira essa imagem de autoridade do pastor e traz essa imagem de um idealizado. E esse convívio logo logo se torna impossível, porque **eu** estou tete-a-tete com alguém que **eu** desidealizei e **estou** do lado de um pastor virtual que é uma idealização **minha**, de modo que o real nunca responderá à uma idealização do real.

Essa palavra me incomodou esses dias irmãos. A idéia de que como igreja, a idéia de que mesmo já tendo sido salvos, ainda assim, Deus pode dizer pra nós, Neil **eu** não quero mais andar contigo. **Eu** não quero mais ser contigo. **Eu** estou te despedindo. **Eu** estou te dando tua carta de divórcio. Você está livre de mim. Essa é uma liberdade que eu não quero.

Irmão não perca o que Deus vai ministrar no teu coração agora. Eu to todo arrepiado, to debaixo do temor desta palavra. **Eu** me divorcio do meu povo, **eu** me divorcio da minha noiva, quando **eu** percebo que a minha noiva só se relaciona **comigo** com a visão mercantilista, com a visão interesseira. Eu me divorcio da minha noiva quando **eu** descubro que ela só ta comigo porque **eu** sô rico. Quando essa noiva só ta **comigo** porque **eu** sô um noivo que pode todas as coisas. Deus ta dizendo eu não quero essa noiva.

O Dom de Presidir XIV – 13/06/07

O que esse texto ta ensinando pra mim e pra você e prometendo pra mim é pra você é que quem é **meu** se cumpre o seu papel no caminho não conhecerá frustração. Essa é a promessa. Senta um pouquinho aí pra gente meditar.

O que ele ta dizendo aqui é que não existe a possibilidade de em semeando, não colher. Se você é **meu**, Se você foi liberto do cativeiro pelo sacrifício de Jesus, se você semeou, não há como se frustrar.

Por que que alguém que conhece o Deus todo poderoso, o Deus da promessa, o Deus da palavra, por que que alguém que depois que teve uma experiência com ele se afasta de Deus? Você de repente ta aqui sentado e ta afastado do evangelho, você ta excluída da comunhão. Claro que na tua cabeça você diz algo pra se consolar da culpa, que todo afastado diz, mas que mesmo dizendo é mentira. Ele sabe disso, mas prefere acreditar. Não pastor, **eu** to longe da igreja, mas não to longe de Deus. Mentira. Isso é mentira. Não existe isso.

Ah é uma besteira igreja. A gente não precisa de igreja. Então **eu** to longe da comunhão, da igreja, mas **eu** não to longe da comunhão de Deus. **Eu** to longe daquela idiotice que Jesus veio edificar. E aí quando você ta longe daquela idiotice que Jesus veio edificar, você ta dizendo que quem edifica uma idiotice é um idiota.

Então dizer que **eu** to longe da comunhão da igreja e **eu** não to longe da comunhão de Deus é uma mentira. Isso é pra amenizar você da sua culpa.

O pecado não está em sentir dor, mas na reação que nós temos diante da dor. Quando Jesus grita “Deus”, é porque ele chegou no limite. Ele estava usando de honestidade, ele estava usando de sinceridade. Deus é o que **eu** to sentindo. Se **eu** estivesse aqui na cruz e abrisse um sorriso e dissesse glória a Deus aí sim **eu** estaria mentindo. **Eu** estou sendo honesto. Logo após ele deu o último suspiro.

Quem tem ouvidos Ouça. Considerações sobre o trabalho. 01/04/2007

Aí nós pregamos domingo passado. Uma vez que **eu** sei que vou morrer, que que **eu** tenho que fazer? Viver a vida com toda a intensidade enquanto a famigerada morte não chega. Já que **eu** sei que vou morrer e as vezes me esqueço disso, o que que **eu** faço? Vou viver e vou viver com intensidade, intensamente, com significância. Aí **eu** mostrei o que é que é viver intensamente, a partir do restante desse versículo.

Eu quero me apegar num conselho. Tudo quanto te vier a mão para fazer, faça! Caiu na tua mão irmão? Ah caiu pastor. Então você faz, desenvolva. Ah mas **eu** não planejei isso

pastor. Caiu na tua mão irmão? caiu, faça. Ah mas **eu** não tava preparado pa...faça! Caiu na tua mão irmão, caiu. Faça! Diga pro irmão do teu lado: então faz irmão.

Deus não nos chamou pra que tivéssemos sucesso, Deus nos chamou pra que fizéssemos de todo o coração. **Eu** acho isso tremendo sabe por quê? **Me** livra da expectativa dos outros. **Me** livra de ter que provar aos outros que sou bom, que eu sou capaz, **me** livra da tirania da opinião pública. Não estou aqui pra servir vocês, To aqui pra servir a Deus. Não to aqui pra mostrar que sou um homem ou uma mulher de sucesso, to aqui pra pegar o que Deus colocou na minha mão. Agora e se não der certo? O problema é de Deus, ele sabe que **eu** fiz de todo coração. E pra quem fez de todo coração, nem fracasso é problema. Faça o teu melhor, pois é a excelência que transforma o trabalho em fonte de benção na vida dos outros. Se o trabalho que **eu** desenvolvo não for feito com vontade, esse trabalho nunca se transforma em fonte de benção e nem no playground, um lugar que **eu** me divirto. Faça o teu melhor irmão.

Conversão...o que é isso de fato? 29/09/2007

Agora quando a gente fala de conversão hoje, geralmente nós evangélicos, quando falamos de conversão, nós falamos de mudança de religião. Quantos aqui já são convertidos e têm certeza disso levantem a mão bem alto e diga assim: eu já sou convertido. Pois é, você é convertido Luciano? Antes você era de que religião? Católico? Católico. O outro é espírita, o outro é não sei o quê, o outro é ateu. Aí quando a gente fala assim, **eu** sou convertido, quer dizer, eu era de uma religião e agora eu sou doutra. Legal e a gente fica feliz com isso. Ohh..como nossa igreja ta cheia, eu vejo tanta gente.

Porque o crente é aquele que não fuma, não bebe, não cheira, não joga, não faz nada. Ele se absteve de tudo. E a gente diz, caramba, esse cara se converteu mermo né? Esse cara enchia a cara com a gente, o cachorro lambia a cara dele e agora ele não bebe mais. E aí o cara que não bebe fala assim: ohhhhhh...viu como é que o meu testemunho é maravilhoso? Pô esse cara agora não sai mais pra pular a cerca. Antes ele pulava a cerca direto..não as cercas agora o contem. E aí a gente vai testemunhando o quanto Deus fez na nossa vida porque **eu** era um assassino, um maconheiro, **eu** matava, **eu** roubava e agora e agora **eu** não mato, não roubo, **eu** não faço mais nada disso. E a gente diz: Caramba! Esse cara foi transformado! Ele não faz mais nada do que ele fazia. Legal. E você faz o que agora? O que o crente não faz a gente sabe. O que o crente faz? Ah...**eu** vou pra igreja todo domingo pastor. De vez em quando **eu** canto lá uma musiquinha, **eu** canto no coral. **Eu** sou regente do coro pastor. É mermo? Sô. Ta vendo aquelas caixas lá em cima pastor? Fui **eu** que botei ali. Eu cuido do estacionamento da igreja pastor. É? **Eu** sou o pastor da igreja. É isso que você faz? Então tudo o que você faz tem a ver com a igreja. Tudo o que você faz é lá dentro. É e o que mais você quer que **eu** faça? E o cara ainda fala que é um excelente crente. Aí Deus ta falando assim ó, a tua conversão foi pela metade.

Então a conversão ela não é só de lado, unilateral, ela é de inserção. **Eu** deixo o meu mal caminho, mas me converto ao Senhor. Olha, da mesma forma como **eu** matava pro diabo, agora **eu** vou gerar vida pra Deus. Da mesma forma como **eu** me intoxicava com drogas e bebidas, **eu** vou me abster e ajudar a restaurar outros das drogas e da bebida. Da mesma forma como o diabo **me** usava nas trevas, Deus vai **me** usar pelo espírito santo na luz. Porque Deus não **me** tira do inferno pra me enfiar num templo irmãos. Deus me tira do

inferno existencial e me enfia no mundo pra que eu possa pelo poder do espírito santo de Deus mudar o mundo a minha volta.

Cansaços. Discirna o teu 06/01/2008

Quando você está cansado, você se vê impossibilitado de estar junto com as pessoas de viver a vida e de despertar comunhão. Porque quem tá cansado tá a fim de ficar só, ele não quer barulho, não quer papo...pô não quero papo, não quero nada. **Me** deixa aqui, não **tô** a fim não...iii...sai pra lá menino, sai pra lá criança. Quando a gente está cansado, a gente até se vê impossibilitado de comer bem.

Você acorda como? Cansado. Já passou por isso? Cara você acordou e acorda com a sensação que não dorme há um mês. Você acorda com dores no corpo, você acorda mal humorado. Você já vai pro trabalho de manhã cedinho dizendo, pô, brincadeira, **eu** não acredito...já chegou segunda-feira, Meu Deus do céu..pô sexta-feira foi ontem cara, não tem meia hora que sexta-feira já passou. Você pega o ônibus cheio...aquele miserento do feital. Porque o feital quebra todo dia. Aquele ônibus é uma desgraça. Quando eu passo do lado dele , eu estendo a mão e **digo**, Deus, abençoa esse povo. Porque ele escangalha sempre e você tem que esperar um outro feital que já vem abarrotado e aí se vira...se vira. Você vai pendurado na janela e aí chega lá a mulher do teu chefe dormiu de calça comprida e ele mira em você e te acerta, ele não te erra nem uma vez. E o dia vai ficando...ai..volta pra casa no mesmo feital e tu entra no feital e nem pede pra chegar em casa, mas, senhor, eu não vou nem te pedir pra chegar, eu só vou pedir pra não escangalhar. Eu sei que eu vou chegar, mas não deixa esse miserento escangalhar não. Aí o bicho escangalha de novo.

Ora, se o nosso cansaço não é só físico, que outros cansaços nos acometem? Do que nos vemos cansados muitas vezes? Eu vou compartilhar com vocês alguns cansaços que me acometem e camos ver se não tem muitas coisas em comum. Muitas vezes eu me vejo cansado de ter medo. **Eu** olho pro Neil e digo, Neil cara, você tem medo de um monte de coisa na tua vida. E nas **minhas** reflexões, e **eu** paro pra refletir, férias é tempo de reflexão e **eu** estou em tempo de reflexão. **Eu** paro todos os dias pra refletir nos meus projetos...se as coisas estão acontecendo como no início. **Eu** sou o cara da reflexão. **Eu** gasto tempo com isso.

Nós temos medo de ficar só. Você está com trinta anos minha irmã e não casou? Ai Jesus! Você que tem um parente assim, não diga a palavra titia perto dela porque ela diz tá amarrado. Todo espírito de titia tá amarrado. Não existe esse espírito. Aí o cara casa com qualquer um. Ah senhor, o que vier na **minha** mão, de maneira nenhuma **eu** lançarei fora. É bíblico. Medo.

De modo que quando você tem medo, se você usar de bom senso você vai ver que esse medo não te paralisa porque o senhor é contigo e ele vai te dar a vitória em nome de Jesus. As vezes **eu** me vejo cansado de ser forte. Pô...de ter que suportar sem poder gritar. As vezes **eu** me vejo ccansado de ter que ser forte e não poder demonstrar o quanto está doendo dentro de mim. E por que que a gente muitas vezes não pode demonstrar o quanto está doendo? Ah não **eu** não posso...o que os outros vão pensar né...o que é que vão dizer. Seja forte irmão!...seja forte, seja forte, seja forte. Tem horas que **eu** canso de ser forte. **Eu** canso de não poder chorar de ter que mentir e dizer que tá tudo bem. Tá tudo bem irmão?

Tá...tá tudo bem sim. Tá nada! Tá nada! Como é que você tá pastor? Tô mal. Aí alguém vem e diz assim...não fique assim não pastor. Aí você poderia responder, se **eu** pudese, **eu** não estaria assim. **Eu** não tô assim porque **eu** quero não pô...é porque a dor chegou e a dor chega na vida de todo mundo.

Deixa **eu** falar uma coisa pra você. Ser forte o tempo inteiro cansa. Pra esses que estão cansados de ter que ser forte o tempo inteiro, de ter que mentir a respeito dos seus sentimentos. Desses que não tem liberdade porque alguém vai bater na tua porta e falar...tá chorando por quê? E você tem que dar uma resposta. Não, não **tô** chorando não. Foi um cisco que caiu nos **meus** olhos. Você tá triste? Eu **tô** sentindo você meio triste, meio caidinho. Nãoooo...é impressão sua. E a gente tem que estar mentindo o tempo inteiro. A gente tem que estar vendendo a imagem o tempo inteiro. A gente tem que ser um poste inacessível e um poste que não sente.

Viver bem: como fazê-lo? - 06/01/2008

Tem uma briga de fofoca na igreja e aquele irmão tá lá. Aí teve uma outra briga de fofoca naquele ministério e aquele irmão tá lá. Vira e mexe tem sempre um recado dos mesmo né. Poxa pastor o irmão falou de **mim** , o irmão falou daquele. Como tem pessoas que são vítimas da própria língua! E você pode reparar: não há gente que fale demais e que tenha vida equilibrada.

De modo que a palavra de Deus tá falando pra nós nesse início de ano de 2008 é Neil se a sua vida for uma vida e se a sua caminhada for uma caminhada que agrade ao senhor, ele

vai fazer até com que os teus inimigos abracem você. Então ele tá dizendo que a paz, que a ausência de inimizade, os problemas crônicos, a adversidade, as dores na **minha** vida têm a ver com a qualidade de vida que **eu** vivo. Então a primeira coisa que esse texto fala é de caminho, de caminhada, de vida, de projeto de vida.

Se os teus caminhos forem bons, se os teus projetos forem projetos para a **minha** glória e para alegrarem **meu** coração. Conte **comigo**. Porque **eu** vou fazer até com que teus inimigos tenham paz com você. Esse texto é maravilhoso porque quando a palavra de Deus diz que caminhos devo seguir, veja que a palavra caminhar, no finalzinho dela tem uma letra s e essa letra s pressupõe plural. Quando os caminhos do homem...e nesses caminhos, **eu** me permito ler como duas vertentes. Como duas possíveis vertentes.

Você tem essa liberdade...pra acabar com a própria vida. Mas se você não tem liberdade pra se auto-destruir, então você não é livre. Você é um fantoche de Deus. Você só é livre pra fazer o que eu quero. Você só é livre pra fazer a **minha** vontade. Aí Deus vira e diz assim: se **eu** te liberto, **eu** corro o risco de te perder, porque **eu** te liberto de todas as cadeias. **Eu** te liberto até pra achar que me servir é muito penoso. Que me servir é uma prisão. De modo que **eu** te dou liberdade pra não ser um servo meu. Então nós somos livres e esse texto me diz.

Mas tem outra vertente porque eu tenho um caminho, mas esse caminho único que eu tenho é multifacetado. Num mesmo caminho eu tenho possibilidades de escolha. No mesmo caminho eu tenho que assoviar e chutar. No mesmo caminho eu tenho que correr e cabecear. Nesse mesmo caminho eu tenho que ser sagaz. Nesse caminho eu tenho que ficar

esperto, tenho que ficar ligado, porque a vida ela é multifacetada. Eu tenho que aprender a lidar em muitas situações porque eu tenho ensinado aqui né, a vida é como uma roda gigante né. Tem dia que a gente tá lá no fundo, mas tem dia que a gente tá lá em cima. De modo que vitórias e derrotas fazem parte da nossa existência.

Agora se Deus conhece os meus caminhos, raciocina comigo, Deus sabe cada centímetro do que eu trafego. E ele diz que se os meus caminhos agradarem a ele, ele **me** abençoa, ele **me** abençoa com a paz. Meu deus, se ele conhece os meus caminhos, por que que **eu** tenho que **me** esforçar pra agrada-lo? Não é mais simples ele me me cabrestar? Não é mais simples ele ir tirando as pedras? Não é mais simples ele ir na **minha** frente torando, tapando os buracos? Não é mais simple ele ir desatando os nós? Abrindo as portas? Ele não é o guarda de israel? Não é melhor que ele vá me protegendo? Não filho. **Eu** não posso livrar você das dores da vida porque quem não sente dor não cresce. Quem não passa pela guerra não sabe o valor da paz. Quem não adoece não sabe o quanto é importante guardar a saúde. Só sabe o peso do ódio quem conheceu o amor. Só sabe o que o abandono pode gerar no coração de alguém, quem já foi abandonado. Ele tá dizendo, **eu** não posso livrar você de dores. E se **eu** fosse livrar vocês de tudo o que é ruim, **eu** estaria tirando a vossa própria liberdade, ele tá dizendo: **eu** não quero uma relação com fantoches, **eu** quero uma relação com gente que tenha capacidade de decisão.

Deus tá falando de caminhos irmãos. Agora **eu** não posso deixar de falar isso que **eu** vou ministrar pra vocês. Quantos crentes esperam agradar a Deus, mas o agradam porque têm medo dele. Ai meu Deus eu vou fazer isso aqui certinho porque senão, se **eu** não fizer, ele me rouba a paz. **Eu** vou fazer isso aqui certinho porque se **eu** não fizer, Deus Deus **me**

castiga. E a gente vê um monte de igreja que trabalha gerando medo. E a frase é sempre essa: olha o leito irmão. Deus vai pesar a mão sobre a tua vida irmão. Olha irmão é Deus que tá fechando as portas, é Deus que tá pesando sobre a tua vida. Olha irmãooooo num brinca com Deus não porque Deus é fogo consumidor. Irmãos ó o leito e a gente fica com medo, com medo de Deus. E a gente aparentemente se vê fiel porque não pratica o caminho mau, mas não pratica o caminho mau por medo de Deus.

Agora a gente vê muita gente que quer ser abençoado por Deus, mas vive lamuriando. **Eu** sou gorda pastor. **Meu** cabelo é duro pastor. **Meu** marido não é crente. **Meu** filho não é crente. Irmão, é o que você tem? Então glorifique a Deus e comece a trabalhar pra mudar isso sem reclamar. Reclamar é o que você sabe fazer. O sujeito não estudou não quis estudar, ficou jogando bola, jogando pelada, ficou namorando. Ele pediu a Deus muitas mulheres e o Diabo lhe deu muitas mulheres. Aí não teve tempo de estudar. Agora tá com quarenta anos e não tem profissão nenhuma. Pastor **eu** não arrumo emprego. Irmão você vai ter que trabalhar de cabo cabo da enxada. Você vai ter que trabalhar de pintos, você vai ter que trabalhar de biscate. Biscate num dá pastor. **Eu** vou trabalhar pra ganhar 100 reais por semana **eu**? Juntar tudo no final do mês e é quatroce e quanto é que você quer? Quer ganhar cinco mil reais? Como? Como é que você vai ganhar cinco mil reais? Isso é viver a realidade. É ser fiel no muito e ser fiel no pouco.